

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
ANDRÉ LUIZ DE LIMA CABRAL**

**CLARA DOS ANJOS:
A MARCA DE DISCURSOS EXCLUÍDOS EM LIMA BARRETO**

Juiz de Fora
2015

ANDRÉ LUIZ DE LIMA CABRAL

**CLARA DOS ANJOS:
A MARCA DE DISCURSOS EXCLUÍDOS EM LIMA BARRETO**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

Orientador: Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira

Juiz de Fora
2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF

Cabral , André Luiz de Lima

Clara dos Anjos: a marca de discursos excluídos em Lima Barreto / André Luiz de Lima Cabral. – 2015.
93 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
Bibliografia: f. 89-93

1. Identidade social. 2. Marginalidade social.
3. Preconceito. I. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. II. Título.

CDD 303.4

CABRAL, André Luiz de Lima. **Clara dos Anjos**: a marca de discursos excluídos em Lima Barreto. Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura, realizada no 2º semestre de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF)

Prof. Dr. Anderson Pires da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof^a. Dr^a. Maria Andréia de Paula Silva
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF)

Examinado(a) em: 24/11/2015.

À minha esposa, filhos e familiares,
razões da minha vida.

Aos professores e amigos, pela dedicação
e incentivos constantes.

A Deus, que me guia sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre caminha junto comigo e me orienta a todo instante.

Aos meus familiares, à minha mãe Maria Ciléa, aos meus filhos Ruan, Andressa e Arthur, e à minha esposa Tatiana, pelo apoio incondicional e carinho em todos os momentos.

Ao professor Dr. Édimo de Almeida Pereira, pela orientação assertiva e extrema paciência.

À professora Dra. Maria Andréia de Paula Silva e ao professor Dr. William Valentine Redmond, pela contribuição valiosa no exame de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF, que contribuíram para a construção do meu conhecimento em Literatura Brasileira, na linha de pesquisa tradição e ruptura.

Aos colegas do Mestrado, pela convivência e pelos aprendizados compartilhados.

Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito! A humanidade vive da inteligência, pela inteligência e para a inteligência, e eu, inteligente, entraria por força na humanidade, isto é, na grande humanidade de que quero fazer parte.

(Lima Barreto)

RESUMO

CABRAL, André Luiz de Lima. **Clara dos Anjos**: a marca de discursos excluídos em Lima Barreto. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015.

Este trabalho de dissertação visa apresentar à comunidade acadêmica e à crítica literária especializada uma leitura crítica do romance **Clara dos Anjos**, investigando a estética adotada por Lima Barreto enquanto meio para a recuperação de discursos identitários minoritários ou excluídos no âmbito da sociedade brasileira nos primeiros tempos da República. Tendo em vista a amplitude da temática que o *corpus* literário objeto de estudo deste trabalho possui, demonstrou-se importante a utilização de um referencial teórico que reunisse os apontamentos de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, com vistas a abordagem não só da criação ficcional, mas também do retrato da sociedade brasileira em que o romance foi escrito. Portanto, visando embasar teoricamente a investigação proposta, utiliza-se como referencial multidisciplinar a obra de diversos autores dentre os quais, Stuart Hall, Michel Foucault, Sigmund Freud, Jacques Derrida, Florestan Fernandes, Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi. Dada a fundamentação teórica proporcionada pelas obras dos referidos teóricos, buscou-se apresentar uma visão panorâmica do romance **Clara dos Anjos**, identificando aspectos relativos à formação e à recuperação de discursos identitários historicamente excluídos por uma ideologia hegemônica presente no âmbito da sociedade brasileira, associados à cor da pele, posição social e gênero, além de discutir no âmbito da mencionada obra a ocorrência de questões como identidade, deslocamento identitário e preconceito étnico.

Palavras-chave: Lima Barreto. Clara dos Anjos. Discurso. Exclusão. Identidade.

ABSTRACT

This work aims to present to the academic community and to the specialized literary critics a critical reading of the novel **Clara dos Anjos**, investigating the style adopted by Lima Barreto as a mean of recovering the minority identity discourses or the excluded ones at the Brazilian society context in the early days of the Republic. Taking the great range of the researched subject into consideration, it was essential to use a theoretical framework that would bring different points of view from specialists of various areas of knowledge, in order to approach not only the fictional creation, as well as the Brazilian Society Portrait, which was the background of the novel. Therefore, aiming to support the theory of the research study it will be used as a multidisciplinary reference, the work of several authors like Stuart Hall, Michel Foucault, Sigmund Freud, Jacques Derrida, Florestan Fernandes, Afrânio Coutinho and Alfredo Bosi. From the theoretical framework proposed by the work of these specialists, was presented an overview of **Clara dos Anjos** novel, identifying aspects related to the creation and recovery of identity discourses which were historically excluded by an ideological hegemony present in Brazilian Society, related to the color of skin, social status and gender. In addition to this, it was discussed the occurrence of issues like identity, identity displacement and ethnic prejudice

Keywords: Lima Barreto. Clara dos Anjos. Speeches. Excluded. Identity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	UM CERTO SENHOR LIMA BARRETO	12
2.1	NOTÍCIAS BIOGRÁFICAS.....	12
2.2	O ROMANCE CLARA DOS ANJOS.....	23
3	SOBRE O DISCURSO E SUA EXCLUSÃO	29
4	SOBRE OS DISCURSOS EXCLUÍDOS RETOMADOS EM CLARA DOS ANJOS	46
4.1	A COR DA PELE.....	51
4.2	A POBREZA.....	66
4.3	QUESTÕES DE GÊNERO.....	73
5	CONCLUSÃO	85
	REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa, é abordada a obra **Clara dos Anjos**, de Lima Barreto, buscando-se apresentar à comunidade acadêmica e aos estudiosos da Literatura Brasileira uma leitura crítica do mencionado romance, levando em conta a personalidade do referido autor e a forma como este desenvolve a linha ficcional de sua escrita. Nesse ínterim, torna-se relevante verificar que, em **Clara dos Anjos**, ocorre a recuperação de variados discursos minoritários excluídos, os quais surgem a partir da vivência autobiográfica de Lima Barreto, fazendo-se notar, por exemplo, a representação de aspectos associados ao preconceito étnico, à loucura, ao alcoolismo e à não afirmação de um discurso identitário feminino.

De forma a realizar uma contextualização histórica do intelectual brasileiro dos anos 20, no qual está incluído Lima Barreto, pode-se afirmar que o país passava por variados movimentos operários e desenvolvia-se às custas de graves desequilíbrios, o que fomentava e inspirava os autores da época (BOSI, 1978). Em consequência desses fatores, foram criados os grupos modernistas, os quais consistiam na representação de uma visão mais complexa do mundo, indo de encontro aos ditames até então estabelecidos, não só relacionados à estética, mas também sob o enfoque da postura político-social.

Ainda que respeitasse os códigos literários antigos, Lima Barreto utilizava-se de uma linguagem inovadora e, portanto, foi enquadrado por Bosi (1978) como um autor Pré-Moderno, cujo romance possuía a função de apontar, antes dos modernistas, as tensões que permeavam a sociedade brasileira. Como um autor com fortes características autobiográficas, a obra de Lima Barreto pode, em grande parte, explicar o seu veio ideológico. O escritor, afro-brasileiro e de origem humilde, passou por diversas provações ao longo da vida, sendo grande parte das dificuldades enfrentadas atreladas à condição de jornalista e amanuense pobre. Não obstante, possuía pleno conhecimento de sua própria situação, qual seja, a de ocupação de um lugar de menor privilégio e de menos destaque na sociedade dos primeiros tempos do regime republicano no Brasil.

Uma das principais características da obra de Lima Barreto consiste na preocupação com os fatos históricos e com os costumes sociais. Entretanto, o escritor recebeu diversas críticas dos letrados tradicionais, justamente por explorar as injustiças sociais e as dificuldades das primeiras décadas da República em sua

obra, produzindo uma literatura inteiramente desvinculada dos padrões e do gosto vigente. Nesse sentido, é exemplar o romance **Clara dos Anjos**, obra que trata das injustiças sociais que tanto assolavam a sociedade brasileira da época e que são enfrentadas por Clara, a protagonista, que se encontra à margem da sociedade, representando alguns discursos dos excluídos, inclusive como o próprio Lima Barreto o fora.

De forma geral, este trabalho de dissertação demonstra sua importância no fato de se debruçar sobre a busca pormenorizada, no âmbito da ficção literária trazida a efeito por Lima Barreto nas linhas do romance **Clara dos Anjos**, de aspectos relacionados à recuperação e à representação de discursos identitários excluídos, considerando a maioria dos que possam ser possivelmente captáveis a partir da leitura crítica da referida obra. Equivale a afirmar que a presente abordagem teórica, ao contrário do expediente de se dedicar a apenas uma das muitas temáticas em torno da identidade que a obra suscita, busca dar cumprimento ao desafio de tomá-la na sua forma mais abrangente possível quanto à riqueza que a escrita de Lima Barreto encerra. Para o desenvolvimento desse mister, procede-se à configuração de uma hipótese, delimitando-se objetivos geral e específicos, além de se tomar por base um referencial teórico que se mostra capaz de nortear as investigações aqui anunciadas.

Tendo em vista a estética adotada por Lima Barreto nas linhas do romance **Clara dos Anjos**, o presente trabalho dissertativo desenvolve-se a partir do levantamento da hipótese de que há nesta obra indícios de que seu autor valeu-se do processo de criação das personagens para destacar a existência e promover a recuperação de discursos representativos de determinadas identidades socioculturalmente excluídas por um discurso hegemônico no âmbito da sociedade e da Literatura Brasileira canônica.

Portanto, buscando-se analisar a possibilidade de comprovação da referida hipótese, o objetivo geral deste trabalho de pesquisa consiste em apresentar à comunidade acadêmica e à crítica literária especializada uma leitura crítica do romance **Clara dos Anjos**, investigando a estética adotada por Lima Barreto enquanto meio para a recuperação de discursos identitários minoritários ou excluídos no âmbito da sociedade brasileira nos primeiros tempos da República. Especificamente, pretende-se apresentar uma visão panorâmica do romance **Clara dos Anjos**, do referido escritor carioca; identificar no romance em questão aspectos

relativos à formação e à recuperação de discursos identitários historicamente excluídos por uma ideologia hegemônica presente no âmbito da sociedade brasileira; e identificar e discutir no âmbito da mencionada obra a ocorrência de questões como identidade, deslocamento e preconceito étnico.

O referido trabalho insere-se na linha de Pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura, do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF, e tem como linha condutora o diálogo da Literatura com diversos outros ramos do conhecimento, tais como a sociologia, a história e o multiculturalismo, o que lhe confere um caráter interdisciplinar.

Convém destacar que, para um melhor entendimento e dado o objetivo central deste trabalho, esta dissertação foi desenvolvida em cinco seções, as quais consistem, além desta Introdução, em: seção 2 – Um certo senhor Lima Barreto, na qual são apresentadas notícias biográficas e críticas literárias contemporâneas sobre Lima Barreto, bem como realiza-se uma abordagem acerca do romance **Clara dos Anjos**; seção 3 – Sobre o discurso e sua exclusão, em que se realiza uma abordagem acerca dos discursos e da ordem que as sociedades humanas lhes imprime; seção 4 – Sobre os discursos excluídos retomados em **Clara dos Anjos**, a qual aborda aspectos relacionados aos discursos excluídos recuperados por Lima Barreto no romance analisado, a saber, a cor da pele, a pobreza e questões de gênero; por fim, porém, não menos importante, a seção 5 – Conclusão, que apresenta as considerações finais e as conclusões que a realização desta pesquisa possibilitou alcançar.

Finalmente, é importante salientar que a redação desse trabalho dissertativo observa as normas contidas no Novo Acordo Ortográfico em vigor, exceto no que tange às citações e às epígrafes, onde, então, procurou-se respeitar a grafia original dos textos reproduzidos, privilegiando a ortografia existente no período em que estes foram redigidos por seus autores.

2 UM CERTO SENHOR LIMA BARRETO

De onde em onde, ela punha os olhos
sobre mim, denotando uma grande
vontade de me adivinhar, e eu fugia deles
com medo de me trair.

(Lima Barreto)

Esta seção é destinada à abordagem da biografia de Lima Barreto, bem como da crítica literária contemporânea acerca da obra do referido escritor, além de explorar aspectos em torno do romance **Clara dos Anjos**, obra deste autor que nasceu em um período próximo à abolição da escravatura e ao fim da Monarquia brasileira. O escritor vivenciou os primeiros anos da República, sofrendo os problemas oriundos desses acontecimentos de extrema importância para a História do Brasil, utilizando-os como inspiração para a construção de sua obra, como pode-se observar nas subseções a seguir.

2.1 NOTÍCIAS BIOGRÁFICAS

Lima Barreto, filho de João Henriques de Lima Barreto e Carlota Maria dos Anjos, nasceu no Rio de Janeiro, no bairro Laranjeiras, rua Ipiranga, número 18, em uma sexta-feira, dia 13 de maio de 1881.

Após a morte da mãe, vitimada pela tuberculose, aos seis anos de idade, o menino sentiu-se abandonado e sem defesa (passagem da vida confessada em **Diário íntimo**). Muito da infância do autor está representada no personagem Horácio, do conto **O filho de Gabriela**. Lima Barreto foi sempre um bom aluno, com ótimas notas.

Quando do nascimento de Lima Barreto, o Brasil vivia um tempo de revolução, estando exatamente na década em que a escravidão seria abolida (1888), e o regime monárquico seria extinto (1889). Historicamente, o Brasil do fim do século XIX e início do século XX apresentava certo avanço devido aos processos de urbanização e à imigração de europeus. Porém, de forma simultânea, os antigos escravizados eram colocados à margem da sociedade, aglomerando-se na periferia das cidades, ocasionando o crescimento das classes médias e operárias.

A abolição da escravatura se deu quando Lima Barreto tinha apenas sete anos de idade, por meio da **Lei Áurea** que, coincidentemente, foi sancionada no dia do aniversário do autor. O escritor assistiu com o pai às comemorações populares pela libertação dos escravizados, porém, diferentemente do que acreditara na ocasião, Lima Barreto estaria por toda a sua vida preso ao estigma da cor de sua pele.

Os primeiros exames para o Ginásio Nacional foram prestados aos quatorze anos, sendo que, aos dezesseis, Lima Barreto os concluiu e matriculou-se no curso geral de Engenharia Civil da Escola Politécnica. De forma geral, nessa fase da vida, não era muito estudioso, mas frequentava a Escola a pedido do pai, que sonhava ter no filho um doutor, como ele próprio não o conseguira ser. Assim, conforme aponta o biógrafo Francisco de Assis Barbosa (2003, p. 111), para Lima Barreto

Começava a cavar-se o abismo. O estudante, pobre e orgulhoso, era prevenido contra tudo e contra todos. O ambiente da Escola asfixiava. Sofria com a convivência obrigatória dos colegas ricos, de outra condição social que não a sua.

A Escola Politécnica, portanto, foi o primeiro local onde Lima Barreto começou a perceber o preconceito que o rodeava. No ambiente hostil, o garoto sentia-se humilhado, chegando, inclusive, a acreditar que suas repetidas reprovações no exame de Mecânica eram provenientes do fato de não ter nascido no luxo, viver pobremente e ser afro-brasileiro. Apesar dos percalços, o pai insistia para que o filho pudesse dar continuidade aos estudos.

Aos vinte e um anos de idade, Lima Barreto viu seu pai enlouquecer e ser internado, acabando por assumir a chefia da casa para cuidar do pai doente, bem como alimentar e vestir mais oito pessoas. O advento da loucura do pai resulta, em parte, da situação difícil pela qual passara no último ano da Monarquia e nos primeiros da República. Isto se deve ao fato de que, com o adoecimento da esposa, João Henriques veio a contrair muitas dívidas oriundas de empréstimos, e o que recebia mal pagava as contas da casa.

A partir disso, como a aposentadoria de seu pai não se resolvia, Lima Barreto precisou abandonar os estudos em busca de emprego com vistas a reduzir as necessidades por que a família passava. O escritor ficou sabendo de um concurso para amanuense do Ministério de Guerra e fez sua inscrição. O concurso oferecia

uma vaga, mas Lima Barreto ficou com a segunda colocação, apenas seis décimos de diferença. Por força do destino, um profissional precisou aposentar-se e nova vaga foi oferecida, tendo sido a mesma ocupada pelo escritor.

Afonso Henriques trabalhou como escrevente copista na Secretaria de Guerra, sendo que, para aumentar a renda, escrevia textos para jornais cariocas. Barbosa (2003, p. 58) esclarece que essa realidade estava bem distante do que Lima Barreto havia sonhado: “ser romancista, viver da inteligência e para a inteligência, sem outras preocupações que a de escrever os seus livros”.

No ano de 1905, Lima Barreto passou a escrever para o jornal **Correio da manhã**, que possuía grande prestígio no Rio de Janeiro, e fundou, em 1907, a pequena revista **Floreal**, a qual teve fim em seu quarto volume, no ano de 1908. Tal acontecimento teria levado o autor a experimentar tempos de angústias e aborrecimentos. Neste sentido, Barbosa (2003, p. 181) afirma que Lima Barreto,

Sem a Floreal, sentia-se como um guerreiro que tivesse perdido a armadura, impotente ante os ataques do inimigo, que avançava sempre, ameaçando esmagá-lo. Nesse momento de desencanto, cansado da vida, tudo parecia conspirar contra ele. Perde a esperança. Falta-lhe coragem.

É válido esclarecer que o estabelecimento da República tornou mais notória a diferença social existente no Brasil, principalmente, levando-se em consideração que a abolição da escravatura fez surgir, de forma extremamente considerável, a classe social e economicamente menos privilegiada do Brasil àquela época. Essa realidade muito inquietava Lima Barreto que, por ser afro-brasileiro, sofria as consequências de seu posicionamento social.

Lima Barreto tentou fazer parte do ambiente literário, buscando integrar-se a instituições acadêmicas, como a Academia dos Novos e a Sociedade dos Homens de Letras¹, mas foi rejeitado. Então, em 1909, com a intenção de escandalizar, publica o romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, cujo texto descreve a trajetória de um jovem mulato que, vindo do interior, sofre sérios preconceitos raciais. Contudo, diferentemente do que o autor esperava, na imprensa do Rio de Janeiro ninguém falou de seu livro.

Afonso Henriques de Lima Barreto, com seu espírito inquieto e rebelde, seu inconformismo com a mediocridade que imperava e com os desgostos particulares,

¹ A Academia dos Novos e a Sociedade dos Homens de Letras eram agremiações literárias, das quais participavam alguns estudantes e jovens intelectuais e entusiastas da literatura àquela época.

acaba se entregando ao álcool, dadas as condições financeiras. Tal fato é explicado detalhadamente por seu biógrafo, Barbosa (2003), o qual descreve que

A falta de estímulo e a hostilidade do ambiente, aliados ao forte complexo e a uma série de outros fatores, dos quais não deve ser esquecido o da tragédia doméstica, transformariam o adolescente cheio de sonhos num pobre homem, viciado no álcool, que lhe consome não somente a saúde, como em grande parte lhe sacrifica a carreira de escritor (BARBOSA, 2003, p. 223).

Portanto, talvez se possa ser levado a pensar que Lima Barreto utilizava-se da embriaguez para tentar desligar a mente inquieta dos pensamentos ligados às condições sob as quais vivia, dentre elas, a sensação de inferioridade por ser negro, os problemas familiares, o desestímulo profissional, as condições financeiras escassas, entre outras. No entanto, o consumo imoderado do álcool não demorou a se manifestar de forma desastrosa na saúde de Lima Barreto, que se alimentava mal e perambulava pelos bares e botequins da cidade. Logo, veio a sofrer de maleita (doença que havia tido na infância), fazendo-o afastar-se por quatro meses da Secretaria da Guerra em 1910.

O autor passa a embriagar-se cada vez mais, mas não deixa de escrever, pois, de acordo com o que informa Barbosa,

Aos 30 anos, Lima Barreto atingira o ponto mais alto da sua carreira literária. E produz as suas obras-primas. “A nova Califórnia” é de novembro de 1910. “O homem que sabia japonês”, de abril de 1911. Foi exatamente no intervalo desses contos que escreveu o “Triste fim de Policarpo Quaresma” (BARBOSA, 2003, p. 219).

Ainda no ano de 1911, foi atacado por reumatismo poliarticular e hipercinese cardíaca. Posteriormente, alucinações como aquelas que afetaram seu pai começaram a surgir, porém, com diagnóstico de alucinações alcoólicas; coisa passageira, sem maior importância. Todavia, as alucinações não cessaram, e Lima Barreto foi internado por quase dois meses em um hospício. Quando de sua saída, escreveu o conto **Como o “homem” chegou**.

Em setembro de 1917, o romancista fica novamente doente, continuando a escrever para a imprensa libertária. Entre novembro de 1918 e janeiro de 1919, Lima Barreto ficou em tratamento no Hospital Central do Exército, quando foi aposentado da Secretaria da Guerra por invalidez.

Ainda em 1919, Lima Barreto foi novamente internado em um hospício, durante uma crise de loucura e, segundo o já mencionado Barbosa,

Com a roupa suja e rasgada, sapatos imundos, amanhecera por fim na porta da venda de “Seu” Ventura, onde já o aguardava o irmão, Carlindo, que tentou em vão levá-lo de volta para casa. O escritor exaspera-se. Todos o perseguem. Só vê inimigos diante de si. Só o cercam pessoas que dele exigem coisas absurdas. E, apontando para a rua, deblatera contra figuras inexistentes, subitamente criadas na sua imaginação doentia (BARBOSA, 2003, p. 309).

De forma rápida, Lima Barreto, que ainda não havia completado seus quarenta anos, parecia um velho (tinha tremores, visões, estava gordo e inchado), aproximando-se do próprio fim. Ainda assim, não abandona a Literatura, sentindo-se, após a aposentadoria, mais livre para escrever o que pensava sobre a política, a economia e a sociedade de seu tempo.

Considerando ter publicações de qualidade em sua obra, candidata-se, por três vezes, à Academia Brasileira de Letras. Não obtém sucesso em nenhuma delas. À época, a Academia prezava por intelectuais que não conflitavam-se com a política, com vistas à formação de um campo intelectual profissional independente de posicionamentos políticos. Portanto, ainda de acordo com Barbosa,

Nos últimos anos, como em toda a vida, Lima Barreto permanecerá fiel à sua vocação de escritor. Ao mesmo tempo em que luta para se libertar do vício que o degrada, agarra-se à literatura como a um resto de naufrágio. Tudo lhe fora recusado: o canudo doutoral, a ascensão na burocracia, o prêmio da Academia. A lembrança dessas marcas do seu desajustamento social transmitia-lhe a sensação de que falhara para o mundo e para si mesmo (BARBOSA, 2003, p. 321).

Temendo que o fim de sua vida chegasse, durante os três anos que lhe restaram, Lima Barreto apressou-se para finalizar obras inacabadas. Assim, entre 1920 e 1922, conclui cinco volumes: **Histórias e sonhos**, **Marginália**, **Feiras e mafuás**, **Bagatelas** e **Clara dos Anjos**; apesar de ter visto apenas o primeiro livro publicado. **Clara dos Anjos** foi escrito em apenas dois meses e, mais do que em qualquer outro livro do autor, nota-se a falta do polimento, quando não, da precariedade da leitura dos originais.

Em 01 de novembro de 1922, Lima Barreto, vítima de um ataque cardíaco, morre deitado em sua cama, em meio a uma porção de livros, revistas e jornais.

Não obstante a apresentação da biografia de Lima Barreto, que é a mais recorrente no âmbito da Literatura Brasileira, é importante destacar neste trabalho de dissertação o enfoque dado ao referido escritor pela atual tendência da crítica biográfica, com vistas a melhor introduzir a temática a ser trabalhada nas seções posteriores.

Acredita-se neste estudo que, após quase cem anos da morte de Lima Barreto, ainda exista uma lacuna acerca do real potencial literário do escritor, sendo que a própria crítica literária, durante muitos anos, parece ter permanecido em débito com o referido escritor, tratando sua obra como apenas o resultado de suas amarguras e devaneios. Dada a injustiça de que se acredita ter sido vítima Lima Barreto, a crítica literária contemporânea tem tentado reverter essa visão acerca do escritor, demonstrando a grande relevância da obra barretiana para a literatura nacional.

Corroborando esse entendimento, Pedro Santos da Silva (2007) afirma que:

No âmbito da crítica, tornou-se lugar comum afirmar que a biografia de Lima Barreto explicaria sua obra. Parece-nos uma posição demasiado cômoda, pois não esmiúça a produção literária do romancista, reduzindo-a ao mero relato de suas agruras pessoais (SILVA, P., 2007, p. 25).

Portanto, faz-se necessária uma análise mais ampliada sobre Lima Barreto, considerando não apenas sua biografia como agente fundamentador de sua obra, como também outras vertentes (como o contexto histórico e cultural em que viveu) que possam finalmente expressar o posicionamento do escritor perante a literatura nacional. Nesse contexto de associação entre obra e biografia de escritores, a qual não deixa de ser consideravelmente relevante para a real mensuração de suas produções, é valiosa a reflexão da crítica literária Eneida Maria de Souza sobre a crítica biográfica, para quem:

O fascínio que envolve a invenção de biografias literárias se justifica pela natureza criativa dos procedimentos analíticos, em especial, a articulação entre obra e vida, tornando infinito o exercício ficcional do texto da literatura, graças à abertura de portas que transcendem. A crítica biográfica, ao escolher tanto a produção ficcional quanto a documental do autor – correspondência, depoimentos, ensaios, crítica – desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise e expande o feixe de relações culturais (SOUZA, 2002, p. 105).

Sendo assim, tendo em vista a análise que se pretende efetivar neste trabalho de dissertação, é importante, não apenas abordar a biografia de Lima Barreto, mas também, e sobretudo, reconhecer o posicionamento de críticos literários e biográficos acerca do autor de **Clara dos Anjos**, principalmente os contemporâneos, uma vez que, conforme Eneida Maria de Souza, com a crítica biográfica,

Preserva-se [...] o conceito de autor como ator no cenário discursivo, considerando-se o seu papel como aquele que ultrapassa os limites do texto e alcança o território biográfico, histórico e cultural. A figura do escritor substitui a do autor, a partir do momento que ele assume uma identidade mitológica, fantasmática e midiática. Esta personagem, construída tanto pelo escritor quanto pelos leitores, desempenha vários papéis de acordo com as imagens, as poses e as representações coletivas que cada época propõe aos seus intérpretes da literatura (SOUZA, 2002, p. 110).

Nesse sentido, então, nada mais justo do que buscar identificar a opinião da crítica biográfica contemporânea acerca de Lima Barreto, uma vez que, como visto anteriormente, à sua época, o que lhe restou foi apenas a atribuição da imagem estereotipada de um negro que falava de negros, dominado pelo vício em álcool e com reduzida estética literária. No entanto,

Ainda que a biografia de Lima Barreto não seja o fator preponderante para a compreensão de sua obra, em certa medida, ela não deixa de ser significativa, porque a literatura barretiana, malgrado não se limite a ser um mero relato de dramas pessoais, foi construída notadamente a partir da transfiguração de suas vivências. Por conta disso, ao traçarmos um panorama do projeto literário do escritor, reportar-nos-emos à sua biografia apenas com o intuito de demonstrar que Lima Barreto transcendeu sua realidade para produzir uma literatura de qualidade ímpar (SILVA, P., 2007, p. 25).

Portanto, é importante que se possa realizar a contextualização sobre obra e a biografia de Lima Barreto; ou, como explanado por Eneida Maria de Souza (2002), deixar a figura do autor ceder lugar à criação da imagem do escritor e intelectual, a qual só pode ser realizada pela crítica biográfica, que integra aquele que escreveu ao cenário literário, social e cultural em que viveu. Dessa forma, a obra de um escritor pode ser considerada como um ótimo instrumento para a obtenção de conhecimentos, principalmente sob o enfoque histórico, ao fornecer panoramas e visões nem sempre expostos em material técnico e didático.

Isto posto, importante aqui estabelecer opiniões e reflexões, ainda que de forma sucinta, a respeito de Lima Barreto sob a ótica de críticos literários e biográficos contemporâneos.

Portanto, de início, cita-se que algumas notas biográficas sobre Afonso Henriques de Lima Barreto podem ser depreendidas das palavras de Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa (2001), que, ao analisarem a obra do escritor, afirmam que a mesma

(...) é construída desses ingredientes: uma constituição pessoal neurótica, os ressentimentos, os desregramentos, a dipsomania, os recalques contra a sociedade de que se acreditava desdenhado, o instinto revolucionário e de reforma social (COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 325).

Verifica-se que os teóricos em questão, apesar de incorrerem na versão recorrente na crítica literária brasileira em atribuir a Lima Barreto uma constituição neurótica, cheia de ressentimentos e de desregramentos, tornando-o um indivíduo dipsomaníaco e desajustado, ressaltam na personalidade do escritor o que chamaram de **instinto revolucionário e de reforma social**.

Para Pedro Santos da Silva (2007), a proximidade da ficção com a realidade, observada na obra de Lima Barreto, não se trata apenas de sua inabilidade para a produção literária, como por algum tempo a crítica demonstrou; tal proximidade associa-se exatamente ao fato de o escritor partir de suas vivências e das pessoas com quem convivia para produzir arte. Pessoas estas, inclusive, sobre as quais Cristiano Mello de Oliveira (2011) explana:

O grandioso mosaico de personagens inventariado por Lima Barreto é contaminado por diversos fatores que o próprio subúrbio alimenta e perpetua. Malandros, biscateiros, homens bêbados, prostitutas, trabalhadores de expediente, cantadores de modinhas, vendedores, transeuntes, pequenos comerciantes, pequenos funcionários, pequenos ladrões compartilham quase o mesmo espaço do grande subúrbio [...] (OLIVEIRA, 2011, p. 78).

Portanto, as pessoas que também estavam inseridas no subúrbio em que Lima Barreto vivia é que eram as inspirações para a criação de seus personagens.

Carlos Mário Paes Camacho (2009), em seu livro **Representação e conscientização na obra de Lima Barreto**, infere que a obra do escritor é um reflexo, uma problematização do processo econômico, político, social e cultural do Brasil da Primeira República, assumindo um caráter militante ao passo que não

possui como foco o entretenimento, mas sim as questões sociais. O Rio de Janeiro e seus populares são, de toda forma, os grandes personagens da literatura de Barreto, o qual escreveu sob a ótica do oprimido, com vistas a criar uma literatura que explicitasse a realidade de sua época, buscando, para aqueles que o liam, revelar a possibilidade da construção de uma sociedade mais equânime.

Sendo assim, cita-se o sociólogo Antonio Candido que, em seu livro **Literatura e sociedade** (2006), esclarece que a análise de produções literárias que têm o objetivo de representar as sociedades (como no caso da obra de Lima Barreto) exige a reflexão acerca dos fatores sociais que estão envoltos à vivência do escritor e integração, de forma significativa, desses fatores à análise a ser realizada.

Em vista disso, não obstante o quadro biográfico tradicional a respeito de Lima Barreto, vale a pena destacar outras visões desenvolvidas por teóricos em torno da construção de novos parâmetros para a biografia do autor de **O escritor Isaías Caminha**. Nesse aspecto, a crítica literária e doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, Haydée Ribeiro Coelho explana que

Em linhas muito gerais, pode-se afirmar que a obra do escritor carioca tem sido estudada, ao longo desses vários anos, sob a perspectiva biográfica, histórica, sociológica e textual. Os enfoques mais recentes, relacionados à recepção crítica, à crítica genética e às abordagens culturais acenam para outras perspectivas que não anulam as abordagens anteriores, reiterando a atualidade e o vigor da prosa barretiana (COELHO, 2014, p. 292).

Nesse contexto, passa-se a perceber uma desconstrução da visão tradicional de Lima Barreto como um autor apenas caracterizado como desregrado, alcoólatra e neurótico, sendo-lhe atribuída uma singularidade no modo de produzir literatura no país, a qual só seria observada no movimento modernista. O próprio Afrânio Coutinho, em sua obra **A literatura no Brasil** (1969) infere que Lima Barreto:

Embora sempre de maneira tumultuária e confusa, as ressonâncias de suas palpitações revolucionárias percorrem-lhe toda a obra, de modo que, por esse aspecto, apresenta um tônus singular em nossa literatura romanesca, anteriormente à deflagração do movimento modernista (COUTINHO, 1969, p. 204).

Pode-se perceber, assim, uma ênfase dada pelo autor em comento ao fato de ter sido Lima Barreto um precursor do modernismo no Brasil, justamente devido à estética e aos temas abordados pelo escritor, aqueles que outrora foram utilizados

como argumento para caracterizá-lo como um autor cuja obra foi desregrada e intempestiva.

Corroborando essa caracterização dada por Afrânio Coutinho, ao realizar um comparativo entre Lima Barreto e Machado de Assis, Lúcia Miguel Pereira (1988), em seu livro **História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)**, argumenta que,

[...] Ambos usaram do romance como da expressão mais espontânea e legítima para traduzir a sua posição em face da vida, o que equivale a dizer que o violento Barreto e o dubitativo Machado precisaram igualmente desse recurso para se realizarem. Criadores autênticos, se não pudessem escrever ficariam como mutilados, privados do seu meio de comunicação. Para eles – e foram neste ponto, como em outros, únicos cada um em seu tempo – a literatura foi mais uma servidão do que um dom, uma fatalidade do temperamento mais do que uma graça do espírito (PEREIRA, L., 1988, p. 276).

Ainda traçando o quadro comparativo entre os escritores em questão, a mesma teórica acrescenta à sua argumentação, de modo a cogitar a possibilidade de aproximação entre Joaquim Maria Machado de Assis e Afonso Henriques de Lima Barreto, a ideia de que “[...] as deficiências de que sofreram hão de ter aproximado o homem que escrevia ‘escondendo o que sentia, para não se rebaixar’ e o que o fazia ‘com muito temor de não dizer tudo o que queria e sentia, sem calcular se se rebaixava ou se se exaltava” (PEREIRA, L., 1988, p. 277).

Dessa forma, a autora assinala que ambos os escritores possuíam características semelhantes, ainda que tenham apresentado técnicas e abordagens muito distintas. De acordo com Pereira (1988), a obra de Lima Barreto talvez tenha perdido em unidade, mas lucrou em intensidade, sendo que o escritor:

[...] significou, tanto pelos temas abordados quanto pela técnica, uma antecipação do espírito novo que, logo depois dele, se introduziria em nossa literatura. Podemos, sem exagero, considera-lo o primeiro dos modernos (PEREIRA, L., 1988, p. 303).

Sendo assim, constata-se o reconhecimento da crítica contemporânea à obra barretiana, seja pelas temáticas abordadas, seja pela técnica utilizada para a produção, a qual é melhor explicitada por Pereira (1988, p. 304) ao afirmar que a obra ousada de Lima Barreto, “(...) representava a novidade firmemente apoiada na tradição, aproveitando (...) o passado utilizável para preparar o futuro”.

Não obstante, ainda acerca da técnica utilizada por Lima Barreto em sua obra, é importante citar o pensamento de Cristiano Mello de Oliveira, especificamente sobre a estética adotada no romance **Clara dos Anjos**, uma das obras que mais receberam críticas sobre o desleixo do escritor com a escrita:

Na verdade, as páginas de Clara dos Anjos são escritas de maneira criativa e ao mesmo tempo despojadas, ousando um vocabulário que atinge um público leitor menos informado com as técnicas do romance de época ou moderno. Lima buscou atingir um retrato quase fidedigno daquilo que observava nas ruas enquanto cidadão carioca, cheio de imaginação e frescor nas idéias. O leitor menos familiarizado com o perfil do povo carioca, assim como a cidade do Rio de Janeiro, talvez estranhe um pouco a condição do cenário e do próprio vocabulário, tendo em vista que o espaço urbano exige certa interpretação, assim como algumas características do jargão e das gírias que o povo utilizava naquela época (OLIVEIRA, 2011, p. 79-80).

Lima Barreto, portanto, tem sido visto contemporaneamente como um escritor de grande relevância para a literatura brasileira, sendo que os argumentos que eram utilizados anteriormente para subjugar-lo (alcoolismo, desgostos, amarguras, falta de técnica, etc.), hoje são tidos como secundários a uma obra de grande potencial modernista, entendendo-se que o escritor estava à frente de seu tempo. Nas palavras de Pedro Santos da Silva,

Sem meios termos: Lima Barreto foi um grande escritor e, malgrado episódios de sua vida estejam latentes em seus romances, não é nesses detalhes biográficos, que reside sua grandeza, mas em sua visão aguda e profunda da realidade brasileira, materializada por uma literatura inovadora do ponto de vista estético (SILVA, P., 2007, p. 9).

Assim, vai se delineando, não apenas a confirmação das afirmações de Souza (2002) sobre a importância de que sejam reconhecidas críticas biográficas de diferentes momentos, como também o reconhecimento ao grande autor que era Lima Barreto. De forma mais completa, Carlos Mário Paes Camacho (2009) assim descreve a literatura do autor de **Triste fim de Policarpo Quaresma**:

O Rio de Janeiro e os seus moradores são os grandes personagens da obra de Lima Barreto. E, por meio de sua literatura, de notório cunho social, a capital da República é apresentada ao leitor como palco das contradições políticas e sociais engendradas com a implantação do Estado Burguês e do Capitalismo no Brasil. Sua obra abrangeu todos os grupos sociais do Rio de Janeiro nos primórdios da República. E, com uma linguagem simples, ele procurou, em sua literatura, criar um vínculo entre o escritor e o público. Assim, denunciou os abusos políticos das elites dominantes que triunfaram com o advento da República. O empreguismo, o arrivismo e o domínio oligárquico não passaram ilesos diante da pena barretiana! Por fim, a obra de Lima Barreto é por demais atual e merece ser visitada por aqueles que desejam conhecer o Brasil (CAMACHO, 2009, p. 24).

Portanto, infere-se que, ainda que tenha se passado quase um século desde a morte de Lima Barreto, a crítica literária parece ainda manter alguma dívida com o referido escritor, sendo que, de certa maneira, novas perspectivas têm sido dadas à obra do autor de **Clara dos Anjos**, mostrando-a como inovadora para a época, tanto no tocante aos temas abordados, quanto à técnica utilizada.

2.2 O ROMANCE CLARA DOS ANJOS

A obra de Lima Barreto possui como uma das principais características a inquietação com os fatos históricos e com os costumes, dando sempre ênfase às injustiças sociais e às dificuldades das primeiras décadas da República.

O autor de **Clara dos Anjos** utilizava seus textos como uma ferramenta de protesto contra o comportamento antipático dos escritores e da burguesia. Nessa esteira de pensamento, Antônio Arnoni Prado, na obra **Lima Barreto: literatura comentada**, acrescenta que

Em Lima Barreto, de fato, fica difícil simbolizar os limites entre o intelectual profundamente consciente das questões políticas e sociais de seu tempo e o estilista que insistia em não ter estilo algum; entre o repórter extremamente impiedoso e mordaz, que atacava de frente o lado grotesco dos homens, e o mulato oprimido que chorava às escondidas na solidão de seu quarto, enchendo as páginas do diário de angústia, vergonha e ressentimentos (PRADO, 1980, p. 100).

Em boa parcela da obra de Lima Barreto encontra-se essa dificuldade de não associação da ficção com a realidade experimentada por indivíduos excluídos e menos favorecidos economicamente, enquadrando-se entre estes o próprio autor, ainda que sua exclusão ao final talvez não fosse de ordem financeira.

O romance **Clara dos Anjos** é uma das obras nas quais se acredita que o autor mais tenha se utilizado da construção da identidade dos personagens com vistas a denunciar as injustiças sociais de seu tempo.

Não se pode esquecer a existência de três versões de **Clara dos Anjos**, sendo que a primeira, conforme descrito por Coutinho (1969), foi iniciada em 1904, resumindo-se a alguns esboços de capítulos. Já no ano de 1919, Lima Barreto submeteu o tema às proporções de conto. Posteriormente, o escritor retomou a confecção dos textos que resultaram na novela que, ainda sob o mesmo título, foi publicada apenas depois de sua morte, em vários números da **Revista Souza Cruz**, entre 1923 e 1924. Conforme apontado por Lúcia Miguel Pereira, Lima Barreto:

[...] desde o início de sua atividade literária, cuidava desta história, ou, melhor, de uma história parecida com esta. Os vários rascunhos encontrados entre os seus papéis mostram que, no plano primitivo, a obra seria muito mais vasta, e talvez abrangesse alguns aspectos da história da escravidão que pensou em fazer. Infelizmente, não se sabe por quê, abandonou Lima Barreto os primeiros esboços, sem contudo desprezar o assunto; tornou-o apenas mais restrito e lhe deu quadro mais moderno; as circunstâncias e as personagens secundárias são outras, mas a heroína é sempre a mesma, e com o mesmo nome (PEREIRA, L., 1988, p. 298).

Portanto, desde 1904 até 1922, Lima Barreto esteve com o tema da desgraça causada a uma moça pobre e mulata em mente, sendo que a persistência na obra **Clara dos Anjos** por parte do escritor talvez possa ser explicada por Afrânio Coutinho, ao explicar que:

No seu diário, confessa o romancista que o tema desse romance, com o qual esperava escrever a história da escravidão negra no Brasil, perseguiu-o sempre, não tendo podido jamais dominá-lo a contento (COUTINHO, 1969, p. 205).

Nota-se, pois, que o tema de **Clara dos Anjos** era algo que estava frequentemente inquietando Lima Barreto e que, talvez por isso, o escritor tenha insistido na produção de um conteúdo mais completo ao longo de sua vida, inclusive, correndo contra o tempo para concluir o romance antes da chegada de sua morte.

O romance **Clara dos Anjos**, datado do ano de 1904, foi publicado por Lima Barreto em seu **Diário íntimo**, constando de apenas quatro capítulos e da última frase do esboço, o que demonstra, para Tulana Oliveira da Silva (2010), que o

escritor não finalizou sua produção e abandonou o projeto da escrita. Entretanto, a própria autora em comento explicita que no romance **Recordações do escrívão Isaías Caminha**, Lima Barreto cita nas últimas páginas e em primeira pessoa:

[...] fiquei animado, como ainda estou, a contradizer tão malignas e infames opiniões, seja em que terreno for, com obras sentidas e pensadas, que imagino ter força para realizá-las, não pelo talento, que julgo não ser muito grande em mim, mas pela sinceridade da minha revolta que vem bem do Amor e não do Ódio, como podem supor. Cinco capítulos da minha **Clara** estão na gaveta; o livro há de sair... (BARRETO, 1995, p. 114, grifo do autor).

Vê-se, portanto, que Lima Barreto alimentou a crença de que o romance iria ser produzido, ainda que não explanasse exatamente quando. De toda forma, o escritor publicou um conto de mesmo título e temática em **Histórias e sonhos** (1920), no qual manteve alguns personagens da publicação de 1904 e incluiu novos.

Então, no ano de 1921, a pedido da diretoria da **Revista Souza Cruz**, Lima Barreto retoma a escrita do que seria, finalmente, o romance completo. Esse processo de produção foi de dezembro de 1921 a janeiro de 1922, sendo que, em maio deste mesmo ano, a revista **O mundo literário** publicou o primeiro capítulo da terceira e definitiva versão de **Clara dos Anjos**; na qual os personagens são praticamente os mesmos da versão em conto, apesar de o escritor ter modificado alguns nomes e detalhes. Obviamente, o romance final é consideravelmente mais completo em termos de número de personagens e narrativas que se encontram externos à história de Clara (SILVA, T., 2010).

De toda forma, o livro **Clara dos Anjos** foi publicado em 16 volumes da **Revista Souza Cruz**, em forma de fascículos, entre janeiro de 1923 e maio de 1924, posteriormente à morte de Lima Barreto, que ocorreu em novembro de 1922. Em volume único, o livro, contendo dez capítulos, só foi publicado após 26 anos, pela editora Mérito,

Na opinião de Lúcia Miguel Pereira (1988), a persistência de Lima Barreto em torno da história de Clara não tinha a intenção de discorrer sobre um fato isolado, com significância de um destino de fatalidade individual, mas sim, pensava sobre todo um grupo humano (em especial o das mulheres), que se encontrava à margem da sociedade dadas as características da pobreza e da cor da pele.

Ressalta-se que neste trabalho de dissertação as considerações acerca do romance **Clara dos Anjos**, bem como a análise proposta, se dá com base na última

versão escrita por Lima Barreto, a qual é a mais completa, haja vista que as duas anteriores se tratam de uma versão inacabada e um conto, consideravelmente resumido, dada a limitação técnica que este gênero impõe.

A história narrada no referido livro se passa no subúrbio do Rio de Janeiro, e conta a história de Clara, uma jovem de dezessete anos, afro-brasileira e de comportamento ingênuo. Filha de um carteiro, Joaquim dos Anjos, e de uma dona de casa, Engrácia, a jovem é seduzida pelo malandro Cassi Jones, jovem branco de menos de trinta anos, que utiliza este sobrenome supostamente por descender de um nobre inglês.

Cassi e seu pai, Manuel, não se falam, pois o pai cortou relações com o filho após suas diversas aventuras que desonraram várias donzelas e acabaram com inúmeros casamentos. Cassi não era motivo de orgulho para o pai, como se pode observar em uma passagem de **Clara dos Anjos**:

[...] no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas. Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca de seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios de prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos na correção. [...] Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia (BARRETO, 1996, p. 22-23).

Vê-se que Cassi é retratado como alguém que não tinha pudor, não tinha honra. E, em dado momento da obra, Cassi vê Clara como sua próxima vítima e começa a tentar se aproximar da mesma. O início dessa aproximação se dá na festa de aniversário de Clara e vai prosseguindo, ainda que seus pais tentem impedir, e que seu padrinho, Marramaque, e tantos outros, falem sobre Cassi. Clara não acredita e continua curiosa sobre o rapaz.

Ela se enganava e não conhecia a vida. Para se escapar aos crimes de Cassi, basta um pouco de proteção e que o acusado seja bastante cínico e ousado. Vivia assim ansiosa e ofegante, querendo e não querendo ver o modinheiro; ora, convencendo-se de tudo que diziam dele; ora, não acreditando e apresentando ao seu próprio espírito dúvidas e objeções [...] (BARRETO, 1996, p. 73).

Aproveitando-se desse interesse de Clara, Cassi passa a usar o doutor Meneses, um velho que exercia a profissão de dentista clandestinamente, e que

tratava de Clara. Meneses entrega as cartas de um e outro, as quais “Clara recebia [...] com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. [...] Para ela, ele [Cassi] era o modelo do cavalheirismo e da lealdade. Estava sempre a sonhar com ele” (BARRETO, 1996, p. 79).

Depois de um tempo, após mandar matar Marramaque e encontrar-se com Clara, Cassi parte para São Paulo para um possível emprego sem avisar à Clara, deixando-a grávida. A jovem, conforme narra Lima Barreto,

Sentia-se só, isolada, única na vida. Seus pais não a olhariam mais como a olhavam; seus conhecidos, quando soubessem, escarneceriam dela; e não haveria devasso por aí que a não perseguisse, na persuasão de quem faz um cesto, faz um cento. Exposta a tudo, desconsiderada por todos, a sua vontade era fugir, esconder-se. Mas, para onde? (BARRETO, 1996, p. 100).

Após pensar em aborto, Clara revela a verdade à mãe e, juntamente com Dona Margarida, vai falar à família de Cassi, e reivindica que o mesmo se case com ela. Contudo, a mãe de Cassi não só repudia a pessoa de Clara, como suas atitudes, mostrando acreditar que seu filho não tem culpa, tanto de suas ações, quanto das consequências dessas:

Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, respondeu: – Que é que você diz, sua negra? [...] Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta... [...] Casado com gente dessa laia... Qual!... [...] Engraçado essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, 1996, p. 103-104).

A jovem, então, é tratada como apenas mais uma afrodescendente e percebe a verdade total: “– Nós não somos nada nesta vida.” (BARRETO, 1996, p. 105).

De forma resumida, pode-se afirmar que Lima Barreto construiu o romance **Clara dos Anjos** com vistas a expor as mazelas de uma sociedade brasileira que, ainda que na teoria fosse igualitária, na prática permitia que o preconceito e as distinções (fossem por cor de pele, gênero e posicionamento socioeconômico) estivessem engendrados na vivência cotidiana de seus cidadãos.

Aos afro-brasileiros, pobres e mulheres, só restava viver para o que estavam predestinados (conforme a cultura de distinção que imperava), não sendo possível uma reviravolta, o crescimento e/ou o reconhecimento por méritos, por esforço. Só

lhes restava serem submissos, discriminados. E esses foram os fatos que circundaram a vida de Clara, nascida afro-brasileira, pobre e mulher.

Teoricamente, a partir da análise do contexto em que o romance fora escrito, depreende-se que Lima Barreto queria denunciar o fato de negros, pobres e mulheres estarem abandonados na sociedade, só sendo ajudados, quando possível, pelos seus pares, haja vista que os mais favorecidos os ignoravam.

É nesse sentido que Gileno (2001, p. 143-144) afirma que Lima Barreto “transcendeu a sua época, pois demonstrou os elementos essenciais que comandam a sociedade brasileira, do passado e do presente”. Assim, também na contemporaneidade, ainda é possível perceber nas relações sociais fortes marcas das desigualdades e das injustiças que o autor demonstrou em **Clara dos Anjos**.

Em razão de vários motivos, Lima Barreto não teve sua obra reconhecida em sua época, o que Figueiredo et al. (2005) justificam devido à não inclusão do discurso dos afro-brasileiros na Literatura Brasileira, sendo este, ainda nos dias atuais, um tema que gera bastante desconforto. Tal afirmação ratifica o fato de o romance **Clara dos Anjos** consistir em uma denúncia do persistente *status quo* não apenas dos tempos vividos pelo autor como também dos tempos atuais, no que diz respeito a preconceitos implícitos e à questão da distinção social de acordo com identidades, como será abordado nas próximas seções deste trabalho.

3 SOBRE O DISCURSO E SUA EXCLUSÃO

Ler muito é um dos caminhos para a originalidade; uma pessoa é tão mais original e peculiar quanto mais conhecer o que disseram os outros.

(Miguel Unamuno)

Em razão da riqueza do quadro estético presente na prosa de Lima Barreto, mais especificamente no romance que constitui o *corpus* literário já mencionado, baseado não só na criação ficcional, mas também no retrato da sociedade brasileira em que foi escrito, ao ponto de fazer despontar a manifestação de discursos minoritários no âmbito dessa sociedade, verifica-se a importância de utilização de um referencial teórico que reúne os apontamentos de estudiosos de diversas áreas do conhecimento. Assim, com o intuito de dar base à investigação ora proposta, utiliza-se como referencial a obra de autores multidisciplinares.

Dentre os principais teóricos que emprestam suas lições a este trabalho de dissertação encontram-se Francisco de Assis Barbosa (**A vida de Lima Barreto**) e Alfredo Bosi (**História concisa da literatura brasileira**), os quais foram utilizados com vistas a contextualizarem a biografia de Lima Barreto ao meio que o cercava, tornando nítido o caráter autobiográfico da obra barretiana e, portanto, ratificando a importância de se conhecer a vivência do autor de **Feiras e mafuás**, para que, dessa forma, fosse possível melhor compreender os fatos, crenças e sentimentos experimentados por Lima Barreto em vida.

Não obstante, com vistas a realizar uma análise mais atualizada acerca do escritor Lima Barreto, foram utilizados como aportes teóricos Afrânio Coutinho (**A literatura no Brasil**), Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa (**Enciclopédia de literatura brasileira**) e Lúcia Miguel Pereira (**História da literatura brasileira: prosa de ficção**), os quais se prestaram como embasamento para identificar o posicionamento da crítica literária contemporânea acerca da obra de Lima Barreto e sua participação na Literatura Brasileira. Acredita-se que somente após o contato com esse embasamento teórico poder-se-ia partir para a identificação dos discursos de minorias que o escritor abordou em **Clara dos Anjos**.

Além disso, ao serem estabelecidos os objetivos desta pesquisa, logo de início surgiu a necessidade de fundamentação teórica acerca da construção das identidades culturais e, para tanto, não se poderia deixar de recorrer ao teórico social e cultural Stuart Hall, tido pela crítica literária como um grande estudioso do tema. As obras produzidas por Hall são capazes de levar seus leitores à reflexão sobre as identidades culturais, de forma a compreendê-las e perceber sua colocação diante dos mais diversos cenários.

Dessa forma, buscou-se selecionar uma obra do teórico que pudesse dar embasamento para a compreensão inicial da construção das identidades dos personagens de **Clara dos Anjos**, com vistas a reconhecer como Lima Barreto elaborou a trama que permeia o romance que se presta à análise deste estudo. Portanto, utilizou-se o livro **A identidade cultural na pós-modernidade**, no qual Stuart Hall estabelece o que é a identidade, além de apresentar a evolução de seu conceito ao longo dos tempos.

Já para dar enfoque teórico ao conceito, estabelecimento e exclusão de discursos, diretamente associados neste trabalho às identidades abordadas por Hall, utilizou-se da obra do filósofo e teórico social francês Michel Foucault, **A ordem do discurso**, a qual discorre sobre os discursos de forma tão essencial e completa, demonstrando, inclusive, os meios de exclusão dos discursos de minorias, que não poderia deixar de se fazer presente na teoria que serviu de estrutura para a análise da obra de Lima Barreto.

Entretanto, como houve a necessidade de reconhecer a exclusão de discursos, a qual está diretamente relacionada à exclusão social de alguns indivíduos, suas crenças e pensamentos (o que é objeto de abordagem na seção seguinte), recorreu-se aos estudos de Sigmund Freud, por meio de seu ensaio **O estranho**, de forma a tentar elucidar o porquê de haver essa exclusão, que pode estar diretamente associada à estranheza causada por alguns indivíduos enquanto atores sociais. E nesse contexto, Freud demonstra no referido ensaio como e por que há a ocorrência do estranho na sociedade, de forma a ocasionar insegurança aos mais distintos partícipes da mesma, o que acaba por originar um posicionamento de omissão e de relutância em relação a esse estranho.

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, da omissão e relutância em relação ao estranho, utilizou-se a obra **O animal que logo sou** – (a seguir), do filósofo Jacques Derrida, a qual demonstra a capacidade/necessidade daqueles que se

posicionam na sociedade como dominantes (os homens supostamente superiores, os que têm voz), em ignorar e/ou se opor ao pensamento dos dominados, aqui tidos como aqueles que estão à margem da sociedade, vistos pela classe dominante como inferiores, como os que não necessitam ter voz, não devem ter seus pensamentos e crenças expostos para o povo, que dirá serem considerados pela coletividade. Sob esse enfoque acredita-se terem sido submetidos à marginalidade Lima Barreto e sua obra, ignorados, omitidos e rejeitados pela classe dominante daquele Brasil das primeiras décadas do século XX, mas que hoje ganham voz e reconhecimento por uma sociedade que, embora não reconheça a necessidade de um posicionamento igualitário para todos os seus componentes, demonstra um relativo e crescente interesse pela busca das verdades omitidas àquela época.

É válido esclarecer aqui, sob o âmbito da descrição metodológica utilizada para a construção deste trabalho, que outras obras e publicações importantes para a construção desta dissertação foram utilizadas na busca de esclarecimentos para as discussões relativas a conceitos como identidade cultural, preconceito, discurso feminino, sociedade, dentre outras que se fizeram importantes ao longo desta dissertação.

Partindo-se de uma breve análise biográfica de Lima Barreto e, conseqüentemente, da constatação da característica autobiográfica de sua obra², pode-se lançar mão de uma linha de investigação cujo eixo é a recuperação de discursos identitários historicamente excluídos por um sistema hegemônico de ideais, que insiste em permanecer não só na sociedade, como também no âmbito da Literatura Brasileira.

Para adentrar o campo de discussões acerca da temática identitária, vale recorrer às contribuições teóricas do estudioso do multiculturalismo Stuart Hall, no trabalho intitulado **A identidade cultural na pós-modernidade** (2006). Para o teórico, a identidade pode ser examinada sob três aspectos distintos: i) a identidade do sujeito iluminista (individualista); ii) a do sujeito sociológico (interacionista); iii) e a do sujeito pós-moderno (que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente).

² Tanto Barbosa (2003) quanto Bosi (1978) apontam no sentido de que, ao se analisar as obras de Lima Barreto e, em específico o romance **Clara dos Anjos**, fica evidente a necessidade que o autor tinha de utilizar seus personagens e contextos como forma de expressar vivências próprias, dando, por meio deles, voz aos seus próprios sentimentos, crenças e cotidiano.

Sob o enfoque da identidade do sujeito iluminista, tem-se o indivíduo como um sujeito unificado, que possui capacidades de razão, consciência e ação, todas embasadas em seu núcleo interior, o qual surgia com o nascimento do indivíduo e se desenvolvia ao longo de sua história de vida, porém, permanecendo sempre o mesmo (HALL, 2006, p. 10).

Já o sujeito pós-moderno é tido pelo sociólogo em questão como sendo aquele cuja identidade não é fixa, permanente, pois a mesma vai se formando e se transformando continuamente de acordo com as vivências e com a representação ou interpelação a que este indivíduo é submetido perante o sistema cultural que o rodeia (HALL, 2006, p. 12).

Entretanto, é sob a concepção sociológica que recaem as atenções deste trabalho dissertativo, pois é esta concepção que serve como base às reflexões aqui desenvolvidas, como um dos percursos teóricos capazes de orientar a leitura crítica da obra de Lima Barreto tomada como *corpus* literário. Nessa concepção, a identidade é formada por meio da interação entre o eu e a sociedade, conforme se pode verificar nas palavras de Hall, que se seguem:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2006, p. 11-12).

Tomando-se por base tal entendimento sobre a identidade sociológica, abre-se a possibilidade de associá-lo à obra ficcional de Lima Barreto, quando então não restam dúvidas de que o autor representou essa relação identitária conflituosa (eu *versus* sociedade) por diversas vezes em sua escrita de ficção.

Sem perder de vista o viés da identidade do sujeito sociológico, este trabalho de pesquisa busca mostrar, no romance **Clara dos Anjos**, os pontos em que a utilização do texto literário se configura como instância para a recuperação de discursos identitários historicamente excluídos. Levando-se em consideração o período que perpassa desde a época de Lima Barreto até a contemporaneidade, tais temáticas se mostram ainda como ocupantes de um palco de acirradas discussões, revelando-se nisso a importância de iniciativas que se proponham buscar o

entendimento a respeito dos processos de legitimação e de desconstrução de determinados discursos identitários no bojo da sociedade e da cultura brasileira.

No entanto, antes de adentrar à análise dos discursos excluídos recuperados por Lima Barreto em **Clara dos Anjos**, faz-se necessário melhor compreender o que vem a ser essa realidade a que se dá o nome de discurso; mais especificamente, reconhecer como se dá e por que se dá a ocorrência de sua exclusão.

Nesse sentido, é válido considerar o fato de que, na sociedade contemporânea, os procedimentos de exclusão de discursos são conhecidos e vivenciados rotineiramente pelas pessoas, ainda que não se tenha noção da teoria que trata desses procedimentos. É sabido que não se pode dizer tudo e não falar de tudo o que se pensa de forma livre em qualquer situação; não se pode dizer qualquer coisa. Tal fato é denominado por Michel Foucault como interdição, que consiste em um dos procedimentos de exclusão dos discursos, sendo que essa interdição recai de uma forma mais avassaladora sobre os discursos que se referem à sexualidade e à política (FOUCAULT, 2013, p. 9).

Mas, ainda que haja a convivência rotineira com a exclusão de discursos, como se pode definir o discurso e o que exatamente é essa ordem? Essas questões são respondidas por Foucault (2013, p. 10) ao apontar que o discurso

[...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

O discurso refere-se às palavras, às coisas ditas, e não exatamente a signos ou significantes de determinado conteúdo, que carregam tal ou qual significado sempre oculto. Não se trata exatamente daquilo que está nas entrelinhas, do não dito. Os discursos são as coisas ditas exatamente associadas ao contexto em que se inserem.

Se houve um tempo em que os discursos eram respeitados e levados em consideração apenas quando ditos por homens do poder e nas situações em que eram requeridos³, o filósofo afirma que, a partir do século XIX, há, por certo, uma

³ Michel Foucault (2013) afirma que no século VI, os discursos pelos quais se tinha respeito e temor eram aqueles que pronunciavam a justiça, atribuindo deveres e direitos a cada um; profetizava o futuro, não apenas citando o que iria acontecer, mas influenciando a sociedade para o acontecimento, pois provocava a adesão dos homens e, conseqüentemente, a trama do destino.

vontade de verdade nas sociedades e nos indivíduos, característica da cultura clássica. Essa vontade de verdade é fomentada por práticas institucionais como a pedagogia, por meio dos livros e bibliotecas, bem como pelas ciências (FOUCAULT, 2013, p. 15).

Assim, pode-se verificar no âmbito das sociedades humanas a existência de discursos majoritários e minoritários. Os discursos majoritários são tidos não como aqueles que são proferidos por uma maioria, não se referindo a um quantitativo propriamente dito, mas como aqueles que são ditos e perpetuados ao longo do tempo, inicialmente pelos doutrinadores e, posteriormente, absorvidos e repassados pela massa, de forma a mantê-los na posteridade. Como exemplo, podem ser citados os textos religiosos, a legislação, dentre outros, impostos para a sociedade, pelos homens do poder, como os discursos principais, os verdadeiros.

Já os discursos minoritários são aqueles proferidos, muitas vezes, em consequência dos majoritários; aqueles que reivindicam a não globalização e a não totalização do pensamento. São comentários, complementos, especulações, questionamentos e/ou protestos, os quais acabam por ganhar espaço no cotidiano das pessoas justamente devido à busca constante pela verdade. Verdade essa, que, de acordo com Foucault

[...] tende a exercer sobre os outros discursos [os majoritários] – estou sempre falando da nossa sociedade – uma espécie de pressão e como um poder de coerção. Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro (FOUCAULT, 2013, p. 17).

Ao citar a necessidade de a Literatura ocidental buscar apoio para o discurso verdadeiro, Michel Foucault se refere à precisão que tinha a humanidade, à época, de se basear nos discursos majoritários, uma vez que sempre existiu sistema de exclusão dos discursos. Durante muito tempo, de uma forma muito mais avassaladora do que nos tempos atuais (tendo em vista que ainda não se pode mencionar algo em torno da desativação de um sistema de exclusão de discursos nas sociedades contemporâneas), os discursos minoritários eram abafados, omitidos e até reprimidos.

Entretanto, os discursos minoritários sempre existiram. Como afirmado em linhas anteriores, os discursos majoritários são aqueles proferidos pelos homens do

poder, pela classe dominante, para que sejam aceitos como a verdade pelos homens de um dado período da História e também pelos dominados. Nesse sentido, é valioso o entrecruzamento das reflexões desenvolvidas por Foucault acerca da atividade discursiva exclusivamente humana com a análise realizada pelo filósofo também francês Jacques Derrida no livro **O animal que logo sou** – (a seguir) (2002). Na referida obra, Derrida coloca-se no lugar de sua gata, tida como a dominada perante ele (seu dono, o dominante), tentando refletir sobre os pensamentos da mesma em relação ao que vê quando o filósofo está trocando suas roupas e acaba ficando nu perante o animal.

De forma sintética, pode-se dizer que Jacques Derrida aborda no livro a existência de um ponto de vista do dominado em relação às situações que o cerca. O filósofo demonstra que, por mais que existam os discursos majoritários (oriundos, por sua vez, do ponto de vista dos dominantes), existem também os minoritários, os quais partem do ponto de vista daquele que é sobrepujado, com base no seu modo de vivenciar as mesmas circunstâncias que aquele que exerce o poder de dominante.

Ao refletir sobre os possíveis pensamentos da gata ao vê-lo nu, Derrida sente-se envergonhado, haja vista reconhecer a possibilidade de um outro (o animal), ainda que dominado, tecer alguma reflexão sobre a cena. Tal fato poderia desencadear no filósofo uma mudança de comportamento; poderia ser que nunca mais se despisse diante de sua gata, justamente para não incorrer novamente no sentimento de vergonha diante da sensação de análise da cena realizada por um ser submetido à condição de sobrepujado. De forma contrária, Derrida também poderia tentar ignorar esses pensamentos, fingir que a gata não tinha reflexão alguma sobre a cena, mesmo que ele, o dominante, já tivesse constatado que essa era a realidade: o animal tinha o próprio ponto de vista e, talvez, aquela cena não lhe agradasse. Sobre essa relação entre o dominante e o dominado, e a existência dos discursos, Derrida (2002, p. 32, grifos do autor) discorre que

O que os distingue é evidentemente o lugar, na verdade o corpo de seus signatários; é o traço que essa assinatura deixa no corpo e na temática propriamente científica, teórica ou filosófica. Haveria, em primeiro lugar, os textos assinados por pessoas que, sem dúvida viram, observaram, analisaram, refletiram o animal mas nunca se **viram vistas** pelo animal; jamais cruzaram o olhar de um animal pousado sobre elas (para não dizer sobre sua nudez); mas mesmo que se tenham visto vistas, um dia, furtivamente, pelo animal, elas absolutamente não o levaram em consideração (temática, teórica, filosófica); não puderam ou quiseram tirar nenhuma consequência sistemática do fato que um animal pudesse, encarando-as, olhá-las, vestidas ou nuas, e, em uma palavra, sem palavras **dirigir-se a elas**; absolutamente não tomaram em consideração o fato que o que chamam “animal” pudesse **olhá-las** e **dirigir-se** a elas lá de baixo, com base em uma origem completamente outra.

Aqui, portanto, ao se entrecruzar os discursos com as reflexões tecidas por Derrida, pode-se dizer que, ainda que os dominantes reconheçam a existência dos discursos minoritários, sempre irão omiti-los. Os detentores dos discursos tidos por hegemônicos tentam, de uma ou outra forma, ignorar/abafar que existe a reflexão dos dominados, que estes têm seu próprio ponto de vista e que podem ter opiniões distintas daquelas tecidas pelo discurso da maioria. Mais que isso, a opinião dos dominados, aqui tida como discursos minoritários, pode levar à alteração do modo de ação dos dominantes.

E se aquela gata a que o filósofo francês observara acaso ganhasse voz? E se a opinião desta fosse a de desagrado em relação ao fato de seu dominante ficar nu diante dela e fosse exprimida, se tivesse sua fala reconhecida? Provavelmente, Derrida, que já se sentira envergonhado simplesmente por pensar na possibilidade de haver tal reflexão por parte do felino, deixaria de se desnudar diante dela. A antiga crença de que ficar nu diante de um dominado seria um fato corriqueiro e sem maiores consequências provavelmente seria alterada e o filósofo mudaria seus hábitos.

É nesse contexto que ocorre a repressão/omissão aos discursos minoritários no cotidiano das sociedades. Os dominantes desejam que suas crenças e opiniões não sofram interferências por parte dos enunciadores dos discursos minoritários. Precisam manter sua dominância inalterada e, para isso, utilizam-se da exclusão dos discursos minoritários como forma de manutenção de seus sistemas.

Portanto, em tempos de outrora, à Literatura, e a tantos outros meios de comunicação e informação, cabia a função de só repassar os discursos ditos verdadeiros (os majoritários), auxiliando na perpetuação dos mesmos, de forma a

não reforçar os discursos minoritários, aqueles que podiam, de alguma forma, contradizer o que os donos do poder desejavam que fosse estabelecido.

Obviamente, apesar de não existirem mais as **sociedades de discurso**⁴, Foucault aponta no sentido de que ainda há formas de omissão e de repressão a discursos, principalmente com a institucionalização do ato de escrever em livros, nos sistemas de edição e na postura dos autores, de todo modo, também coercitivos. Há uma tendência à perpetuação de discursos já validados (FOUCAULT, 2013, p. 38).

Pode-se afirmar que, de certo modo, devido à necessidade da verdade que acomete os homens, talvez em especial os escritores, rol no qual se pode inserir o nome de Lima Barreto, alguns acabaram por se dedicar às tentativas de recuperar e de buscar maior reconhecimento aos discursos minoritários de uma forma sutil, só sendo possível a sua identificação, segundo Foucault, por meio da análise do contexto em que viveu quem se dedicou à recorrência ao referido discurso. Dessa forma, consoante o autor de **Microfísica do poder**

O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. [...] na ordem do discurso literário [...], a função do autor não cessou de se reforçar: todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (FOUCAULT, 2013, p. 25).

Portanto, Foucault esclarece que uma das formas primordiais de se identificar o real sentido de um discurso consiste não apenas em conhecer o contexto em que o autor o proclamou, como também limitar as reverberações decorrentes deste mesmo discurso. Tal linha de pensamento, neste caso, não só justificaria a inserção da seção que se refere à biografia de Lima Barreto neste trabalho, como também a ratificaria, pois a vivência do escritor e os acontecimentos que o cercaram podem servir de subsídio para a identificação dos discursos excluídos que se acredita recuperados no romance **Clara dos Anjos**.

⁴ De acordo com Michel Foucault (2013), as **sociedades de discurso** possuíam a função de conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço limitado, sendo distribuídos sob regras estritas.

Mesmo que no Brasil haja a convivência das pessoas em uma sociedade supostamente dita democrática, não se pode perder de vista que já na época de Lima Barreto configuravam-se no país diversos expedientes de repressão a muitos discursos minoritários, dentre eles, os que se pretende evidenciar no decorrer deste trabalho de dissertação.

O discurso manejado por Lima Barreto por meio de sua obra literária, numa época correspondente a um Brasil de final do Império e de primeiros tempos de República, parece haver sido submetido a certa ordem de exclusão. Por sua vez, as estratégias de exclusão são tema das reflexões do já muitas vezes mencionado filósofo francês Michel Foucault, para quem uma das formas de exclusão dos discursos é a determinação de condições para o seu funcionamento, materializadas como forma

[...] de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo (FOUCAULT, 2013, p. 35).

Buscando-se uma aproximação da afirmação de Michel Foucault com a experiência pessoal de Lima Barreto, logo se observa que o autor de **Clara dos Anjos** teve seu discurso excluído não só por um meio que valorizava uma escrita e uma linguagem que seguisse os padrões da época, mas também por uma Academia Brasileira de Letras que exigia intelectuais que não conflitassem com a política de então. O autor talvez não tenha tido o reconhecimento que mereceu, justamente por conta da abordagem e da acolhida que dava a discursos que não eram bem vindos ao conhecimento de uma parcela elitista da sociedade brasileira em um tempo marcado por grandes desigualdades sociais. De acordo com o que preleciona a crítica Lucia Miguel Pereira, Lima Barreto foi o primeiro modernista do Brasil, não só por abordar temas inovadores, como por utilizar uma técnica de escrita também diferenciada daquela utilizada à época, realizando uma “antecipação do espírito novo que, logo depois dele, se introduziria em nossa literatura” (PEREIRA, L., 1988, p. 303).

Desse modo, abre-se como ponto de reflexão a indagação se teria sido Lima Barreto e, conseqüentemente sua obra, visto como um estranho pela sociedade de sua época. Para que se possa tentar buscar uma solução para este questionamento,

mostra-se importante o nome de Sigmund Schlomo Freud que, em um ensaio denominado **O estranho** (1919), asseverou que algo ou alguém pode ser estranho por não enquadrar-se nos padrões que previamente se conhece, tornando-se amedrontador, horrível.

Contudo, ainda que se imagine que o estranho é algo novo, desconhecido e/ou não familiar – daí a estranheza oriunda da novidade –, Freud esclarece que nem tudo o que é novidade causa estranheza, justamente por não originar a sensação assustadora que é característica do estranho. Inicialmente, Freud (1919, p. 3) afirmou que “Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho”, porém, ao realizar uma análise sobre este tema, não apenas sob o enfoque da estética (cuja Literatura especializada o psicanalista acreditava que pouco o abordava), mas por uma ótica mais complexa, associando terminologias e Psicanálise, Sigmund Freud tece considerações importantes que precederam a noção principal de que o estranho é, na maioria das vezes, oriundo de algo familiar, porém, reprimido.

De fato, no ensaio em questão, Freud demonstra que o termo alemão *unheimlich* seria inicialmente tido como o oposto de *heimlich* (doméstico) e de *heimsch* (nativo). No entanto, ao reconhecer que *heimlich* é algo familiar, íntimo, agradável (no sentido que representa uma sensação de segurança), o criador da Psicanálise constata que *unheimlich* consistiria, de uma forma ou de outra, como uma subespécie de *heimlich*, haja vista que o termo era utilizado para determinar a estranheza a coisas que, apesar de familiares, apresentavam algum mistério, algo de desconhecido.

Pois é neste sentido que se pode confirmar a estranheza sob a qual Lima Barreto e sua obra foram abordados de formas tão distintas pela sociedade de sua época.

Lima Barreto era afro-brasileiro e, apesar de os seus iguais estarem enraizados na sociedade brasileira há muito tempo desde a chegada dos escravizados africanos ao país, ainda no início da República, em cuja estrutura social a escravidão já não mais existia (ao menos não oficialmente), os negros eram tidos como estranhos, tão perto e tão distantes. Poderiam ser caracterizados como *unheimlich*, consistindo em uma subespécie dos *heimlich* (sob o enfoque dado por Freud em seu ensaio), aqui considerados como os brancos, a burguesia e/ou os

descendentes europeus; enfim, a parcela elitista responsável pelos ditames aos quais a sociedade brasileira era submetida naquele período histórico⁵.

Não obstante, tem-se a estranheza com a qual a obra de Lima Barreto foi recebida, ao menos sob o próprio ponto de vista do escritor e também pelo de seu biógrafo Francisco Assis Barbosa (2003), não sendo a mesma obra reconhecida à época como contemporaneamente o é. O autor de **Clara dos Anjos** tratava do cotidiano brasileiro e isso poderia ser tido como algo bem familiar (*heimlich*) a todos. Todavia, o enfoque dado à construção das identidades de seus personagens, bem como o enredo que os cercava, dava-se sob a visão de um estranho, ou seja, do ponto de mira de alguém que se sentia à margem da sociedade.

Aqui é importante ressaltar o estabelecido pelo sociólogo Antonio Candido, em seu livro **Literatura e sociedade**, sobre o fato de que a posição social do escritor é que estabelece os discursos a serem apresentados em suas obras. Conforme Antonio Candido,

[...] a obra exige necessariamente a presença do artista criador. O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo.

Devido a um e outro motivo, à medida que remontamos na história temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras; e é certo, como já sabemos, que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo (CANDIDO, 2006, p. 34).

Vê-se, portanto, que o meio influencia diretamente na produção do artista, e Lima Barreto, diante de toda a denúncia feita em sua obra, parecia acreditar que ela se tornaria, em algum momento, um bem coletivo, estabelecendo diretrizes para a mudança de paradigmas até então muito em voga. O escritor, em meio a toda a pressão exercida contra os afro-brasileiros escritores da época, fazia questão de se descrever negro, conforme Eduardo de Assis Duarte, no capítulo **Literatura e afro-descendência**, do livro **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**, elucidada:

⁵ Sobre a noção de estranheza atribuída ao elemento africano na sociedade e na cultura brasileira (negro estranho/amedrontador), ver PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 55.

O autor repudia o “novo” estatuto dos remanescentes de escravos e demonstra uma compreensão correta do processo histórico ao articular etnicidade e condição socioeconômica: “negro ou mulato, como queiram”, costumava dizer de si mesmo como forma de recusar o branqueamento. Pobre e suburbano, via a ascensão social bloqueada não apenas pela linha de cor mas também pela exploração econômica (DUARTE, 2010, p. 79).

Não obstante, é importante esclarecer que a produção literária realizada por afro-brasileiros passou por um longo período de silêncio. Esse tipo de produção literária é caracterizado, em geral, por três critérios, de acordo com Célia Regina dos Santos e Vera Helena Gomes Wielewicki. Segundo as teóricas em questão,

[...] o critério étnico (ligação da obra à origem negra ou mestiça do autor); o critério temático (conteúdo literário relacionado aos temas referentes à cultura afro-brasileira); e o que chamaremos de critério de transgressão (o texto como forma de reivindicação e resistência) (SANTOS; GOMES, 2005, p. 342).

Portanto, cabível dizer que Lima Barreto insere-se na Literatura afro-brasileira cumprindo com os três critérios estabelecidos pelas autoras: era afro-brasileiro, escrevia também sobre a cultura afro-brasileira e, ainda, utilizava seus textos de forma a protestar pelo reconhecimento social dos seus iguais. Mais que isso, ao utilizar uma linguagem inovadora, Lima Barreto criou uma Literatura dissociada dos padrões canônicos, na medida em que a escrita do referido autor se distanciava das normas literárias como uma instituição branca ou europeia.

E esse aspecto (das normas literárias predominantes), é outro fator que influenciou no silenciamento da Literatura afro-brasileira. Não se pode negar que mesmo antes da segunda metade do século XIX alguns escritores afro-brasileiros tenham sido reconhecidos (como por exemplo Henrique Dias e Domingos Barbosa⁶), porém, a partir de 1850, o que se viu, segundo Santos e Wielewicki (2005), foi uma anulação da identidade própria daqueles afro-brasileiros que tiveram acesso ao código literário. Esses autores são criticados pela característica da autonegação, haja vista que muitos se negaram a abordar questões peculiares a sua etnia (a da escravidão, por exemplo).

⁶ Henrique Dias foi um soldado da Ordem de Cristo, que criou o terço dos Henriques, utilizando-se de cartas ousadas para cobrar os pagamentos atrasados do rei de Portugal no século XVII. Já Domingos Barbosa foi um sacerdote, poeta e músico brasileiro, autor de lundus e criador da Modinha, o qual tratava em suas poesias sobre as particularidades afetivas do povo brasileiro diferenciando-as das dos portugueses. Ambos eram afro-brasileiros, o primeiro filho de escravos africanos libertos, e o segundo, filho de um português e uma escrava angolana.

Santos e Wielewicki caracterizam esse fato como o **branqueamento** do negro, uma vez que os escritores afro-brasileiros daquela época, apesar de suas particularidades dada a sua etnia (ou, nesse contexto, seria apenas sua raça⁷?) simplesmente se utilizavam das normativas e do jeito de fazer Literatura oriundo da Europa, abandonando suas origens africanas. Conforme bem explicitado pelas autoras:

A representação do negro na literatura desde o seu início foi apagada; é como se os negros, forçados a cruzar os mares como escravos, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais e religiosas (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 343).

Essa invisibilidade, ainda nos dias atuais, causa certo incômodo, uma vez que não se compreende como o Brasil, um país com uma das maiores populações negras fora do continente africano, pôde excluir a produção afro-brasileira do cânone literário. Mais que isso, há pesquisadores que afirmam que essa exclusão ocorre ainda hoje. Segundo estes teóricos,

Não obstante a qualidade e a quantidade da produção literária afro-brasileira, o mundo acadêmico e as editoras comerciais brasileiras hegemonicamente resistem, ainda, a vê-la enquanto tal, preferindo, ao contrário, mantê-la na invisibilidade – da qual a procuram retirar não somente os escritores afro-brasileiros, mas, também, alguns pesquisadores, usualmente, reunidos em grupos de pesquisa (FIGUEIREDO et al., 2005, p. 333).

Portanto, se ainda nos dias atuais vê-se uma repressão velada à Literatura afro-brasileira, imagine-se como se dava a exclusão dos negros do cânone literário à época em que Lima Barreto tentou ser reconhecido com sua obra.

De toda forma, se mesmo os escritores brancos do fim do século XIX e início do século XX tinham medo de serem discriminados social e literariamente, não se podia esperar que um sentimento diferente dominasse os escritores afro-brasileiros; justo eles, que, pelo simples fato de terem ancestralidade africana, eram tão marginalizados. Entretanto, surge como uma exceção à regra, Lima Barreto, que registra, “em muitos de seus textos, seu compromisso com a memória cultural

⁷ Santos e Wielewick (2005, p. 342) esclarecem que o conceito raça refere-se a certos atributos físicos biológicos (negro, branco, amarelo, etc.), enquanto a etnia está associada às diferenças raciais que se aproximam por relações múltiplas de cultura e interesses (língua, religião, história, conhecimento e defesas comuns).

afrodescendente. (...) não só aponta o que vê como também o que lhe sucede na condição de mulato e negro” (COELHO, 2014, p. 297).

Mais que isso, conforme citado por Lúcia Miguel Pereira (1988), Lima Barreto escrevia com o temor de não dizer exatamente o que pensava e sentia, de ser infiel ao que se passava em seu interior, de trair sua mente; não se importando com as consequências ocasionadas por essa sinceridade.

É importante ressaltar que os temas que eram alvo da denúncia barretiana, assim como a linguagem utilizada nas obras pelo autor, apesar de fazerem parte do cotidiano brasileiro no início do século XX, não eram rotineiramente inseridos na Literatura nacional; não eram bem vistos, não eram aceitos. E quando houve essa tentativa de inserção por parte de Lima Barreto, o estranho foi rejeitado. O autor estranho, a obra estranha.

Essa rejeição a que Lima Barreto e sua obra foram submetidos pelos letrados de um Brasil em um regime de república incipiente pode ser explicada por Freud (1919), para quem o estranho é algo familiar, mas misterioso ao ponto de causar medo; medo de não saber como abordar este estranho, por não compreender quais as consequências que este novo pode ocasionar⁸.

E aqui, neste ponto do presente trabalho, já sabendo do contexto em que viveu Lima Barreto, e buscando estabelecer uma leitura do Brasil daquele período histórico a partir do lugar do afro-brasileiro que criou a personagem Clara, pode-se observar que de estranho não havia nada em Lima Barreto e em sua obra. Contudo, reconhece-se, ainda que de forma superficial, o porquê de o autor ter causado estranheza em sua época: sua denúncia era concreta, seu linguajar acabaria por se fazer entender, não só pelos elitistas, mas pelo povo. Estava posto ali, em seus escritos, o ponto de partida para as reivindicações que poderiam (des)ordenar o sistema classista predominante.

A respeito da estranheza causada por Lima Barreto e sua obra, pode-se encontrar justificativa no atual pensamento teórico de Stuart Hall, o qual descreve que na pós-modernidade há um descentramento do sujeito, enquanto identidade. Se outrora existia uma identidade centrada e única, no fim do século XX o sujeito entra em crise devido à multiplicidade de fatores que o cercam, o transformam e,

⁸ Trata-se da incerteza intelectual citada por Freud (1919, p. 3), a qual foi tida por Jentsch como o principal critério para o estabelecimento do estranho, pois, este seria sempre algo com o qual não se sabe lidar. Quanto mais conhecimento e informações o indivíduo tem das coisas que o cercam, menos propenso está para se deparar com alguma coisa ou situação estranha.

consequentemente, consistem nos alicerces da formação de sua identidade. Conforme explicitado por Hall

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2006, p. 9).

O sujeito passa a sentir-se desintegrado do meio, sentindo-se perdido, talvez excluído da sociedade que o cerca justamente por não conseguir visualizar-se integrado nela. Sua visão do mundo pode ser tão distinta daquela tida como normal pela maioria dos indivíduos que o cerca, que ele passa a se ver deslocado.

É nesse contexto que se poderia buscar uma explicação para a exclusão sentida por Lima Barreto. Ainda que tenha vivido no final do século XIX e início do século XX, o autor de **Clara dos Anjos** já experimentava em sua vivência as características do descentramento da identidade, a qual foi relacionada por Hall aos sujeitos do fim do século XX (da pós-modernidade).

Vista a biografia de Lima Barreto sob esse enfoque, depreende-se que o mesmo era um homem que estava consideravelmente a frente de seu tempo, haja vista que muita coisa nova (caracterizando o estranho descrito por Freud) havia no que era produzido por Lima: a escrita barretiana pode ser considerada nos dias de hoje como atual. Fragmentado, o linguajar utilizado pelo autor à época causava estranheza justamente pelo fato de que, de certo modo, revelava uma visão que mais condizia com a dos homens do fim do século XX.

Assim, de certa forma, a leitura de mundo expressa na obra de Lima Barreto estaria antecipando o descentramento identitário que, segundo Hall (2006), só seria observada no indivíduo da pós-modernidade.

Levando-se em consideração as noções repassadas por Sigmund Freud (1919) sobre o estranho, por Michel Foucault (2013) sobre a exclusão dos discursos minoritários e por Stuart Hall (2006) sobre a identidade na pós-modernidade, compreende-se o expediente dos contemporâneos de Lima Barreto em tentarem apagar as marcas que caracterizam a obra do autor de **O escrivão Isaías Caminha**,

fazendo com que a mesma apenas fosse reconhecida postumamente, conforme elucida Antonio Candido, para quem:

[...] o reconhecimento da posição do escritor (a aceitação das suas idéias ou da sua técnica, a remuneração do seu trabalho) depende da aceitação da sua obra, por parte do público. Escritor e obra constituem, pois, um par solidário, funcionalmente vinculado ao público; e no caso deste conhecer determinado livro apenas depois da morte do autor, a relação se faz em termos de posteridade (CANDIDO, 2006, p. 86).

O que o escritor estampava em seus textos a sociedade não estava preparada para conhecer. Talvez, ainda não esteja, tendo em vista a existência persistente dos sistemas de exclusão dos discursos de minorias. Mas, como há nos indivíduos da sociedade contemporânea uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2013, p. 15), causando a mesma estranheza ou não, é isto que norteia a realização deste trabalho de dissertação, que tem entre os seus objetivos justamente a identificação dos discursos excluídos recuperados por Lima Barreto em seu romance **Clara dos Anjos**. Pensa-se que, ao conseguir identificar e analisar tais discursos, esta pesquisa possa estar contribuindo no sentido de promover uma reflexão sobre temas como a etnia, o gênero e o posicionamento socioeconômico dos indivíduos na sociedade, os quais ainda são amplamente debatidos no mundo contemporâneo.

4 SOBRE OS DISCURSOS EXCLUÍDOS RETOMADOS EM CLARA DOS ANJOS

A história não considera um elemento sem definir a série da qual ele faz parte, [...] sem querer determinar as condições das quais dependem.

(Michel Foucault)

Sob a ótica da identidade do sujeito sociológico, várias abordagens relacionadas à obra de Lima Barreto têm sido pesquisadas, concentradas, sobretudo, na exclusão do discurso étnico. Entretanto, também outros enfoques podem ser observados na escrita do autor.

A partir da leitura do romance **Clara dos Anjos**, é possível perceber a representação de minorias⁹, cujas vozes eram oprimidas e silenciadas por aqueles que detinham o poder à época. Nessa esteira de pensamento, Michel Foucault (2013) esclarece que uma das formas de divulgação dos discursos está relacionada ao reconhecimento do autor, haja vista que, ao se associar a fala com o contexto de quem a proferiu, pode-se compreender o real sentido do que foi dito e, por conseguinte, verificar-se a existência de um discurso. Ainda segundo o referido filósofo:

[...] é preciso, então, repor um pouco de ordem em tudo isso; imaginar um projeto, uma coerência, uma temática que se pede à consciência ou à vida de um autor, na verdade talvez um pouco fictício. Mas isso não impede que ele tenha existido, esse autor real, esse homem que irrompe em meio a todas as palavras usadas, trazendo nelas seu gênio ou sua desordem (FOUCAULT, 2013, p. 27).

Realizando-se uma interface do excerto acima com o *corpus* literário que constitui objeto de análise desta dissertação, pode-se reconhecer, em um primeiro momento, que Lima Barreto utilizava seus personagens como forma de duplicação e exposição de seus sentimentos e pensamentos, em especial os de inferioridade e

⁹ Sobre este tema, é válido esclarecer o entendimento do filósofo Peter Ludwig Berger que, em sua obra **Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural** (1973, p. 19), afirma que existem **minorias cognitivas**, as quais consistem em grupos de pessoas “cuja visão do mundo difere significativamente da visão generalizada em sua sociedade”. Portanto, essas minorias cognitivas são um conjunto de indivíduos que têm concepções diferentes daquelas aceitas pela sociedade em geral e, por conseguinte, buscam/exprimem conhecimentos distintos daqueles que são tidos como a verdade por uma maioria. O filósofo ainda esclarece que essa minoria cognitiva passa por situações desconfortáveis, não especificamente pela repressão ou intolerância da maioria, mas porque esta não aceita as concepções de realidade tidas pela minoria como conhecimento.

decepção, os quais ficavam à mostra em seus textos, porém, não de forma direta, uma vez que tais exposições não se davam por meio da **persona** do próprio autor, mas por intermédio da identidade e do cotidiano de seus personagens.

O romance **Clara dos Anjos** aborda a condição do negro e da mulher, ao passo que apresenta o subúrbio do Rio de Janeiro como espaço social abandonado pelos governantes, imerso em uma realidade com transporte precário e uma população mal empregada/desempregada. A justificativa para tal abordagem é dada por Adriana Carvalho Silva, mestre em Geografia, que publicou um artigo intitulado **A leitura urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos**. Segundo esta teórica,

Esse era o Rio de Janeiro do cotidiano do escritor, morador do subúrbio, de família humilde que dizia-se vítima do preconceito racial e lamentava não ver reconhecidas sua formação intelectual e capacidade produtiva. [...] Os dilemas do subúrbio, as reformas urbanas e a sociedade representada na sua espacialidade refletida em conflitos estão no romance que se passa no próprio ambiente do autor. Aqui estão as viagens de trem, os operários, a população que vive ao longo das estações ferroviárias, os subúrbios de Inhaúma, Todos os Santos, Engenho Novo, Méier, [...] Cidade que concentra um grande volume de produção literária da época, o Rio de Janeiro é objeto de leitura de Lima Barreto (SILVA, A., 2009, p. 9-10).

Isto posto, em um segundo momento de reflexão, ainda que seja reconhecido o caráter autobiográfico de Lima Barreto, não se pode acreditar que suas obras, em especial **Clara dos Anjos**, sejam apenas fruto dos ressentimentos ou das decepções do autor relacionados ao fracasso na realização de seus projetos de vida. É importante reconhecer que o escritor se preocupava com a sociedade que o cercava, na qual grande parte dos indivíduos eram sacrificados em benefício de poucos. Nesse aspecto, a historiadora da Universidade Federal de Uberlândia, Cristiane da Silveira, a respeito do autor de **Triste fim de Policarpo Quaresma**, enfatiza:

Seus romances procuraram trazer à tona uma reflexão sobre os caminhos tomados pela recém-criada República. É por meio da literatura que o escritor procurou chamar a atenção do público para a necessidade da reação do **povo**, para a construção de uma sociedade mais justa para todos. Com isso, seu interesse extrapolou sua vivência particular e buscou atingir o bem-estar da sociedade em geral (SILVEIRA, 2006, p. 125, grifo da autora).

Não se pode ignorar que durante a transição entre a Monarquia e a República no Brasil havia uma preocupação da elite política e dos governantes do país em

incutir um ideal de democracia e progresso na sociedade brasileira. Buscava-se a formação de uma identidade brasileira, e o que se pretendia era demonstrar a sociedade como democrática, justa.

Simultaneamente, criou-se uma imagem do brasileiro como preguiçoso, não trabalhador e não civilizado, pois tal fato fomentou e justificou a imigração do trabalhador europeu, mesmo com a disponibilidade de mão de obra oferecida pela população negra (tida como incapaz de trabalhar livremente de forma eficaz) que acabara de alcançar a libertação, em razão da derrocada do regime escravocrata, há muito arraigado na estrutura social, política, econômica e cultural do país.

Ainda que novos ambientes sociais tenham sido criados durante as primeiras décadas da República, os mesmos não eram disponibilizados à população economicamente menos favorecida, a qual aglomerava-se nos arredores da cidade, vivendo na periferia, tanto do ponto de vista geográfico, quanto do ponto de vista de participação social na política e na economia (SILVEIRA, 2006, p. 133).

A identidade brasileira foi se formando, e os indivíduos da periferia não se viram excluídos dela, pois existiam e resistiam, uma vez que precisavam sobreviver, apesar de todas as condições adversas a que estavam sujeitos. Portanto, o Brasil era formado pelos indivíduos das elites e pelos sujeitos postos à margem, estes prestando-se aos poucos trabalhos que lhes eram oferecidos e passando pelas mais diversas privações. Obviamente, ainda que de forma tímida, os integrantes dessa minoria contestavam a realidade que lhes era (im)posta, visando melhores condições de vida. Contudo, nem todos obtinham êxito nesse propósito, de forma que a exclusão e a marginalização acabaram se concretizando como o destino de muitos.

O Brasil do fim do século XIX e início do século XX apresentava problemas que afetavam diretamente os indivíduos das classes menos favorecidas (o que não quer dizer que atualmente seja diferente), excluindo-os socialmente. Lima Barreto, durante sua vida, pôde refletir sobre esses problemas que afetavam o país, acreditando que as instituições republicanas precisavam de fortes mudanças, especialmente, aquelas referentes à corrupção na burocracia. E suas crenças e percepções estavam expostas em suas obras, dentre elas, **Clara dos Anjos**, o que fez com que alguns estudiosos o caracterizassem como um escritor pré-modernista.

Bosi (1978) explica que o que a crítica chamou de Modernismo trata-se de um período condicionado a um acontecimento tido como um divisor de águas das artes

no Brasil: a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922 na cidade de São Paulo. Já em relação ao Pré-Modernismo, o autor relata que este movimento está associado às publicações realizadas nas primeiras décadas do século XX, as quais problematizaram a realidade social e cultural do país.

Sendo assim, o estilo inaugurado por Lima Barreto encaixa-se no Pré-Modernismo (1902 a 1922), por já apresentar uma linguagem nova, apesar de respeitar códigos literários antigos.

É nesse contexto que o drama da pobreza e do preconceito racial constitui o enredo de **Clara dos Anjos**. A proximidade entre a realidade vivida por Lima Barreto e o tema do referido romance demonstram a necessidade de expressão autobiográfica em que penava o jovem autor. As humilhações sofridas pelo afro-brasileiro são encarnadas por Clara, uma mulata¹⁰ que vivia no subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz de boa família.

Assim, em **Clara dos Anjos** foram desvelados alguns discursos que aos homens do poder e aos letrados da época não convinham. De acordo com Alfredo Bosi:

O drama da pobreza e do preconceito racial constitui [...] o núcleo de **Clara dos Anjos** [...]. A proximidade da composição e do tema está a definir a necessidade de expressão autobiográfica em que penava o jovem Lima Barreto. As humilhações do mulato encarna-as Clara dos Anjos, moça pobre de subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz de extração burguesa (BOSI, 1978, p. 361).

Desta feita, promovendo-se o diálogo entre a história narrada em **Clara dos Anjos** e a base teórica sobre discursos subsidiada pela argumentação de Michel Foucault, é possível cogitar a representação da personagem Clara como uma forma utilizada por Lima Barreto para desvelar, no âmbito das relações sociais, a existência de um forte preconceito arraigado na cor da pele e no desfavorecimento econômico, realidade com a qual o próprio autor precisou conviver ao longo de sua existência.

¹⁰ Com base nos esclarecimentos fornecidos pelo professor Édimo de Almeida Pereira (2010, p. 76), citando Conceição Corrêa das Chagas (1997), o termo mulata, por si, consiste em uma representação do preconceito velado contra os negros no Brasil, haja vista que é uma palavra carregada de um sentido que confere às afro-brasileiras a caracterização de um objeto sexual, a qual pejorativamente relaciona-se ao fruto da relação entre o branco e o negro, analogamente ao fruto da égua com o jumento (a mula), que possui qualidade inferior devido à sua esterilidade.

Na trama em questão, ao procurar ajuda, Clara não somente não obteve qualquer auxílio da família de Cassi, por quem foi enganada, como também foi rechaçada por ser negra e difamada como irresponsável pela mãe do rapaz. Habituada a encobrir todos os maus passos do filho, a mãe de Cassi não se deixou sensibilizar pelo drama de Clara, uma vez que, na visão deturpada da matriarca da família do jovem, a moça havia se entregado ao desfrute por opção, de modo que a exigência de reparação soava como um ultraje, ainda mais vindo de uma mulher pobre e negra. Assim, discriminada e repelida, Clara se viu obrigada a voltar para casa e cuidar de seu filho sozinha, não lhe tendo sido dada qualquer oportunidade para explicar o que de fato havia vivenciado.

Sobre a marginalização e o preconceito trazidos à baila por intermédio da representação da personagem Clara, Carlos Henrique Gileno destaca que:

[...] no romance *Clara dos Anjos* [...] a denúncia barretiana estabelece uma crítica à sociedade que oferece à mulata um status marginal, tanto no que se refere à insuficiência de direitos de liberdade quanto aos próprios estereótipos que a sua época veiculava sobre o seu destino, supostamente forjado na “prostituição” e na “mancebia” (GILENO, 2001, p. 141).

Em que pese não se afigurar razoável que, em uma sociedade supostamente democrática, a identidade concreta de um indivíduo seja definida com base em critérios discriminatórios, como a cor da pele e a condição socioeconômica, a prosa barretiana presente em **Clara dos Anjos** parece apontar para o inverso, revelando como tais critérios eram utilizados como formas de exclusão dos sujeitos menos favorecidos, sendo certo que a inserção da protagonista da obra em questão em um contexto de subjugação reforçam o tom de denúncia social existente no romance. Tal interpretação encontra subsídio nas palavras de Stuart Hall (2006), para quem, conforme anteriormente apontado neste trabalho dissertativo¹¹, a identidade é formada a partir da interação entre o eu e a sociedade.

Como ferramenta utilizada para dar voz àqueles forçadamente silenciados pelos mecanismos excludentes do poder, a obra barretiana revela as adversidades às quais o pobre e, sobretudo, o negro/mulato (que carregava consigo o peso da abolida escravidão) ainda estavam sujeitos. Por intermédio de sua obra, Lima Barreto evidenciou a existência de flagrantes disparidades sociais, suscitando

¹¹ Ver página 32.

discussões sobre igualdade de direitos e preconceito racial e econômico, dificuldades com as quais o próprio autor conviveu na sociedade que o cercava.

Desta feita, nota-se que o romance **Clara dos Anjos**, dentre outras abordagens também possíveis, pode, sobretudo, ser lido e compreendido sob o viés da crítica social, uma vez que uma das interpretações plausíveis para a obra perpassa a ideia de que a identidade do indivíduo marginalizado encontra ressonância na representação literária da personagem Clara, que teria sido usada por Lima Barreto como uma forma de demonstrar as desigualdades a que ele próprio havia sido submetido ao longo da vida, assim como para dar visibilidade aos invisíveis, mostrando a cruel realidade de algumas minorias no Brasil, dentre as quais: a do negro, a do pobre e a da mulher.

4.1 A COR DA PELE

Para um negro/ a cor da pele é uma sombra/ muitas vezes mais forte/ que um soco/ para um negro/a cor da pele/ é uma faca/ que atinge muito mais em cheio o coração.

(Adão Ventura)

Para retomar as abordagens discursivas acerca do preconceito étnico que se encontram inseridas no romance **Clara dos Anjos**, faz-se necessário, primeiramente, realizar uma abordagem teórica sobre o preconceito racial a que estiveram, e ainda estão, submetidos os afro-brasileiros¹².

Ressalta-se que, dado o contexto deste estudo, que trata da obra **Clara dos Anjos** e de seu autor, não se pretende aqui estender a abordagem do contexto do indivíduo afro-brasileiro para além do período que antecede a chamada Primeira República brasileira. Pretende-se abarcar o período de transição do Império para a República, incluindo-se breves citações sobre a abolição da escravidão no país, com vistas a melhor contextualizar a abordagem das questões relacionadas ao negro e ao afrodescendente no fim do século XIX e início do século XX (período em que

¹² Trata-se aqui do afro-brasileiro como identidade (também muitas vezes tida como negro, mulato, afrodescendente) em um contexto de indivíduos que têm consciência das diferenças sociais que os circundam e não por suas características físicas em si.

viveu Lima Barreto) de forma a demonstrar a realidade descrita pelo crítico cultural Homi K. Bhabha de que o negro muitas vezes não é tido apenas como um negro:

[...] mas um membro dos marginalizados, dos deslocados, dos diaspóricos. Estar entre aqueles cuja própria presença é “vigiada” (*overlooked*) – no sentido de controle social – e “ignorada” (*overlooked*) – no sentido da recusa psíquica – e, ao mesmo tempo, sobredeterminada – projetada psicologicamente, tornada estereotípica e sintomática (BHABHA, 2013, p. 374 – grifos do autor).

Para demonstrar a identificação do afro-brasileiro no rol dos negros marginalizados, deslocados e diaspóricos, recorre-se a uma breve fundamentação teórica capaz de demonstrar como esses indivíduos foram colocados à margem da sociedade no período que se propõe contextualizar.

Sobre a decisão de se tratar do período pós-escravatura, é importante elucidar que se justifica, por um lado, devido ao período em que viveu Lima Barreto (fim do século XIX e início do XX) e, por outro, por entender-se que a abolição é teoricamente a ruptura, no Brasil, que tornaria os afro-brasileiros legal e politicamente iguais aos brancos. De forma mais concisa, o doutor e professor de Sociologia Antonio Sérgio Alfredo Guimarães esclarece:

O racismo surge, portanto, na cena política brasileira, como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados (GUIMARÃES, 2004, p. 11).

Foi, desde então, que surgiu o que o referido sociólogo denominou de **racismo moderno** no Brasil, haja vista que não havia mais o amparo político e legal à subjugação dos negros em detrimento dos brancos, ao menos na teoria, pois sabe-se que na prática a história foi diferente, como abordado adiante.

A abolição da escravatura no Brasil, apesar de representar uma ruptura teoricamente importante no contexto de subordinação do negro ao homem branco no país, acabou por resultar, mais uma vez, em um sistema de exclusão dos afro-brasileiros, os quais passaram a formar, segundo Roberto Moura, autor do livro **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**,

[...] o povão de negros libertos, para quem não seria destinado nem o acesso à terra nem os investimentos em educação ou treinamento técnico reclamados anteriormente. Homens que passam a conviver nos cantos das grandes cidades brasileiras, nas suas ruas, nos seus bairros populares e favelas [...] (MOURA, 1995, p. 15).

Com destino incerto, os negros brasileiros libertados por meio da abolição da escravidão passaram a aglomerar-se nas periferias das grandes cidades. Ainda que o país estivesse se modernizando por meio do desenvolvimento dos sistemas produtivos, mal havia espaço para que esses indivíduos reorganizassem suas vidas em busca de suas necessidades mais básicas; quem dirá, então, reorganizarem-se sob uma nova perspectiva, a de uma posição social menos ultrajante que aquela ocupada por eles durante a escravidão.

Aliada à falta de estrutura que possibilitasse uma condição de vida mais digna aos negros de um Brasil em república incipiente, estava a imigração da mão de obra europeia. Conforme descrito por Moura (1995, p. 16), o país não apresentava a necessidade de quantitativo de mão de obra, haja vista os milhares de negros que se encontravam disponíveis para exercerem as mais diversas atividades; entretanto, associada ao desenvolvimento das primeiras indústrias estava a necessidade de importação de mão de obra europeia qualificada e civilizada, a contrário senso do que equivocadamente pensavam da mão de obra africana que tanto contribuiu para a construção da sociedade brasileira.

Não que os negros não pudessem apresentar qualificações práticas para os afazeres, mas havia a necessidade de mostrar que a mão de obra vinda da Europa era capaz de auxiliar na civilização do povo brasileiro, com seus negros recém-libertos (quando não, nordestinos que migravam devido à seca) tão necessitados de orientações e de exemplos que permitissem o alcance do progresso do país.

Nesse ponto, é importante citar as observações feitas pelo professor Édimo de Almeida Pereira, em seu livro **Metamorfoses do abutre**: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura, no qual demonstra que os periódicos brasileiros do século XIX sempre estampavam os afro-brasileiros de forma a inferiorizá-los perante os imigrantes, julgando a cultura europeia como superior à africana, que representava a origem dos negros e mestiços no Brasil. Nas palavras do professor, nos jornais da época

[...] se encontrava com frequência uma ostensiva caracterização da África como continente primitivo, como antro constituído pela barbárie, e que se confrontava com o eurocentrismo que predominava no país, mediante a adoção das teorias científicas e dos valores da sociedade europeia como modelo de civilização. No mais das vezes, esse posicionamento revelava o mais completo desconhecimento da cultura e da organização do continente africano, cuja abordagem era realizada apenas no que tocava aos aspectos tidos como mais “curiosos” (PEREIRA, É., 2010, p. 26).

Acreditava-se que a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, e, conseqüentemente, a miscigenação resultante das relações mantidas entre tais imigrantes e os negros, as quais deram origem ao mulato, ajudaria, em médio e longo prazo, a tornar o país predominantemente branco. Nesse diapasão, os doutores em História Social Wlamyra Ribeiro de Albuquerque e Walter Fraga Filho, na obra **Uma história do negro no Brasil**, afirmam que:

[...] o caminho para o branqueamento era a miscigenação. Desse modo a “raça branca”, considerada mais evoluída, corrigiria as marcas deixadas na população brasileira por aquelas tidas como “raças inferiores”, negros e índios.

Daí os investimentos na imigração de trabalhadores europeus e as barreiras para a vinda de negros e asiáticos. Aos imigrantes brancos caberia o papel de civilizar os costumes e embranquecer as peles, remediando, na lógica da época, os danos de séculos de escravidão de africanos (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 206).

Esse, obviamente, era o pretexto utilizado pela burguesia para camuflar a sua real necessidade de manutenção da soberania racial; era preciso manter os negros em seu **devido lugar**, oferecendo-lhes somente os ofícios mais ultrajantes e que menor subsistência lhes pudesse render. Conforme aponta Moura (1995) acerca dos afrodescendentes brasileiros

Despossuídos de bens e de conhecimentos valorizados nesse mercado, eles se ajuntam na cena das cidades, em bairros que, com a ampliação da cidade, progressivamente vão se afastando dos setores aristocráticos; ou então em suas cozinhas e oficinas. Uma vida subalterna que vai da brutalização à extrema vitalidade. Uma história mal contada ou omitida, que só aparece no pragmatismo estatístico dos serviços sanitários ou da repressão, nos desconcertantes estereótipos da nacionalidade surgidos na arte popular filtrada pela indústria de diversões (MOURA, 1995, p. 16-17).

Ademais, é válido citar que, se para os imigrantes europeus a conquista de um trabalho possuía o significado apenas de um trabalho novo em um novo país que lhes garantisse o seu sustento, para os afro-brasileiros havia, na conquista de um ofício, não só a garantia de sustento, como também a representação de sua

dignidade e liberdade, afinal, era um trabalho, um trabalho livre, remunerado (ainda que mal remunerado).

De toda forma, vão se formando as periferias, repletas de afro-brasileiros que buscam entre si, e quase exclusivamente assim, a sua subsistência; tornaram-se senhores de si mesmos, conforme relata o sociólogo Florestan Fernandes em sua obra **A integração do negro na sociedade de classes**, “tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva” (FERNANDES, 1978, p. 15).

Esses indivíduos estavam à margem, abandonados pelo poder público que parecia considerá-los uma parte da história do Brasil que devia ser esquecida, uma página a ser virada, senão rasgada, incendiada.

Se já não mais havia o sistema de castas que definia o posicionamento social dos indivíduos, abria-se espaço para o sistema de classes, no qual os negros estavam inseridos nas menos privilegiadas, dada a não preparação de espaços que absorvessem essa mão de obra dos ex-escravizados e primeiras gerações de negros livres. Conseqüentemente, como já não mais possuíam exclusividade no oferecimento de mão de obra, os afro-brasileiros deixaram de despertar o interesse daqueles que se inseriam nas classes mais privilegiadas da sociedade, as camadas dominantes.

Havia, segundo Fernandes (1978, p. 35), um desejo de substituição; mas não o de substituir o ex-escravizado em trabalhador livre, mas de substituir o negro pelo imigrante branco, em uma busca desenfreada das classes dominantes por estabelecer uma ordem social competitiva no Brasil. E assim o foi, permanecendo o afro-brasileiro à margem, ainda visto por aqueles que detinham o poder como não simplesmente de classe social inferior, mas como uma raça inferior de humanos, caracterizando e reforçando a cada dia mais o preconceito de cor, o qual:

[...] entre nós, seria um sintoma da incompletude da revolução burguesa e da sociedade de classes. Seria uma persistência do passado, enquanto “negros” e “mulatos” seriam apenas “metamorfoses do escravo” (GUIMARÃES, 2004, p. 20).

Entende-se, portanto, que os afro-brasileiros seriam passíveis do preconceito pela cor da pele por muito tempo ainda, preconceito esse que ainda acomete tais indivíduos até os dias atuais, pois, segundo Édimo Pereira:

O conjunto de estereótipos que incidiram sobre o negro durante o tempo em que perdurou o sistema escravista no Brasil estendeu sua influência até nossos dias, alcançando os afrodescendentes com sua carga pejorativa. De fato, no passado, o cativo assumiu o lugar dos senhores na prática de tarefas indignas e degradantes, o que contribuiu para a formação de uma imagem demoníaca e assustadora do negro, a qual acabou sendo absorvida por nossa sociedade, de modo a acirrar o racismo e o estranhamento modernos em relação aos afrodescendentes (PEREIRA, É., 2010, p. 62).

Não deixariam os afro-brasileiros, mesmo contemporaneamente, de serem considerados inferiores, porém, o que se vê atualmente é um preconceito velado, disfarçado. Ainda segundo o mesmo teórico,

A discriminação racial no Brasil se dá de forma camuflada, uma vez que o preconceito e o racismo contra o negro se manifestam por meio de expedientes bastante sutis. Entretanto, em determinadas circunstâncias, esses expedientes discriminatórios se tornam evidentes, fragmentando a falsa noção de que vigora no país uma “democracia racial”. Nesse contexto, o afrodescendente desenvolve um senso de autodiscriminação que, na maioria das vezes, culmina na negação da própria identidade, mediante a absorção da carga pejorativa que recai sobre a sua imagem (PEREIRA, É., 2010, p. 66).

Portanto, os afro-brasileiros continuam sendo submetidos às estratégias de exclusão engendradas pelos brancos, porém, à época de Lima Barreto, estavam ali a tais estratégias submetidos, de forma explícita, via materialização dos mais diversos tipos de tratamentos de injúria oriundos do preconceito racial e étnico, o qual foi amplamente reportado pelo escritor em suas obras. Na verdade, dentre o reduzido número de escritores que se prestaram a realizar a denúncia contra o preconceito étnico e racial no Brasil, Lima Barreto pode ser considerado como um dos mais obsessivos na abordagem desta temática.

Lima Barreto utilizava-se do que Domício Proença Filho (2010), no capítulo **A trajetória do negro na literatura brasileira**, do livro **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**, classificou como a **atitude compromissada**. A classificação de **visão distanciada** realizada pelo autor associa-se à inserção do afro-brasileiro como personagem ou temática nas obras literárias, envolvendo “procedimentos que, com poucas exceções, indiciam

ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante” (PROENÇA FILHO, 2010, p. 43). Tratava-se, pois, da abordagem da realidade do negro por escritores que estavam externos a essa realidade.

Já a **atitude compromissada**, descrita por Proença Filho (2010), é aquela a que se pode associar Lima Barreto, ao passo que se refere a escritores afro-brasileiros que abordavam a realidade de sua etnia em suas obras, denunciando-a e reivindicando uma identificação igualitária. A propósito, o autor em comento cita que Lima Barreto foi o segundo escritor que se utilizou de forma marcante da atitude compromissada, sendo precedido apenas por Luís Gama¹³.

De forma pujante, o autor de **Clara dos Anjos** utilizou suas obras para dar voz ao discurso minoritário dos afro-brasileiros em um Brasil que mais parecia querer jogar para baixo do tapete essas subjetividades. O escritor denunciava não só as disparidades sociais, como também o preconceito racial que se fazia presente na sociedade, a qual o autor considerava hipócrita por adotar valores que suplantavam as classes menos favorecidas que, em sua maioria, eram compostas por afro-brasileiros ex-escravizados ou por novas gerações de libertos.

Tal feito, obviamente, se faz presente no romance **Clara dos Anjos**, obra que aparenta ser uma representação de todas as mazelas às quais fora submetido Lima Barreto, consistindo em uma importante ferramenta para o conhecimento da realidade histórico-social do Brasil sob o ponto de vista de alguém que sentiu na própria pele os efeitos do preconceito racial à época; trata-se de um “texto denunciador do preconceito”, conforme Proença Filho (2010, p. 56).

Sob esse prisma, é importante citar aqui o personagem que Lima Barreto inseriu no romance, o poeta Leonardo Flores, que pode ser visto como um *alter ego* do escritor. Para justificar tal possibilidade, é importante também demonstrar como o personagem se descreve em uma das passagens de **Clara dos Anjos**:

¹³ Luís Gama, filho de homem branco e negra livre, foi feito escravo aos dez anos de idade, conquistando a liberdade judicialmente, e tornando-se um renome no país dado o seu caráter abolicionista e sua advocacia autodidata em prol de cativos. Apesar de ter sido analfabeto até os 17 anos de idade, aos 29 já possuía o reconhecimento literário por sua obra **Primeiras trovas burlescas** (1859).

Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude; dia e noite lia e relia versos e autores; dia e noite procurava na rudeza aparente das coisas achar a ordem oculta que as ligava, o pensamento que as unia; o perfume à cor, o som aos anseios de mudez de minha alma; a luz à alegoria dos pássaros pela manhã; o crepúsculo ao ciclo melancólico das cigarras — tudo isto eu fiz com sacrifícios de coisas mais proveitosas, não pensando em fortuna, em posição, em respeitabilidade. Humilharam-me, ridicularizaram-me, e eu, que sou homem de combate, tudo sofri resignadamente (BARRETO, 1996, p. 69-70).

Infere-se, com a leitura do excerto acima e com a análise do contexto de vida de Lima Barreto, que Leonardo Flores pode ser uma representação do autor no romance, haja vista tratar-se de um personagem afro-brasileiro que a duras penas adquiriu algum conhecimento para que pudesse escrever seus textos. O personagem também é um refugiado no subúrbio do Rio de Janeiro, e se sente rechaçado ao não obter o reconhecimento que acreditava merecido. Ademais, diante das decepções e das amarguras vivenciadas, Flores entrega-se ao alcoolismo como forma de fugir ou esquecer seus aborrecimentos pessoais. Aborrecimentos pessoais esses que também encontram motivação no preconceito racial e socioeconômico que predominava à época e que também Lima Barreto acreditava serem os motivadores do não reconhecimento de sua obra naquele tempo.

Além disso, Afrânio Coutinho acredita que Lima Barreto, ao criar o personagem Leonardo Flores, “pôs muito de si mesmo, quando lhe resumiu o drama da vida nesta frase: ‘Nasci pobre, nasci mulato’” (1969, p. 205).

Complementando, Lúcia Miguel Pereira (1988) afirma que Leonardo Flores apresenta

[...] semelhanças com o romancista que lhe conferem feição trágica, que abrem perspectivas vertiginosas para a luta interior desse homem superiormente dotado, reconhecendo entretanto em si forças destruidoras. O estigma da cor prenderia menos Lima Barreto a um destino desgraçado do que a embriaguez a que não se entregava – prova-o seu *Diário* – sem tremendos conflitos íntimos. Também ele poderia ser um dia como Leonardo Flores, “uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado” (PEREIRA, L., 1988, p. 280).

Assim, não restam dúvidas de que Leonardo Flores, de alguma forma, trata-se de uma representação de Lima Barreto em **Clara dos Anjos**, ainda que possuidor de particularidades que possam não identificar diretamente o escritor, mas é nítida a semelhança no que concerne ao alcoolismo e ao estigma da cor.

E é sob o âmbito da apropriação do discurso dos afro-brasileiros por Lima Barreto que se recorre ao pensamento da crítica literária e doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, Haydée Ribeiro Coelho (2014, p. 300), para quem “A voz denunciadora de Lima Barreto ressoa na fala dos negros, possibilitando o elo entre o intelectual negro e o sujeito negro oprimido que passa a ter voz, contando, de forma dramática, parte de sua história relegada”.

Sob esse enfoque, tem-se em **Clara dos Anjos** a utilização de um texto com base em um discurso de embate às hipocrisias e distinções sociais no país, especificamente direcionado ao enfrentamento do preconceito racial que estava inserido nos mais diversos âmbitos da sociedade.

Lima Barreto contrapõe-se, desse modo, à exclusão dos discursos minoritários citados por Foucault, neste caso representado pelos afro-brasileiros, dando voz a estes que se pretendia silenciados no subúrbio carioca por uma classe elitizada que pregava a modernização da cidade.

Ainda no que tange ao viés das denúncias sociais contidas na ficção literária barretiana, especificamente no romance ora sob análise, tem-se que o próprio título da obra, **Clara dos Anjos**, traz em si elementos paradoxais capazes de ensejar reflexões sobre o tema da exclusão social de minorias. Nesse sentido, é enriquecedora a contribuição da professora da Universidade Católica de Pernambuco, Fabiana Câmara Furtado (2003), a qual, em dissertação intitulada **Perfis da belle époque brasileira**, traz uma análise das figuras femininas criadas por Lima Barreto.

No referido trabalho, a pesquisadora elucida que existe um contraste entre o título **Clara dos Anjos** e a personagem homônima, uma vez que Clara não tem nada de clara (no sentido de tom de pele), pois trata-se de uma afro-brasileira (ou uma mulata como descreve Lima Barreto), consistindo seu nome em uma triste ironia de oposição à personagem que designa. Simultaneamente, a segunda parte do nome, **dos Anjos**, poderia levar ao entendimento de inocência e pureza que inicialmente são associadas a Clara, características essas que, de acordo com os padrões morais da época, acabam por se enfraquecer quando a personagem se rende ao poder de sedução de Cassi. A moça, apesar de conhecer a má fama do rapaz, tendo sido avisada sobre as artimanhas e sobre o oportunismo do jovem, mediante a reprovação de seus pais acerca deste envolvimento, mostra-se rebelde ao dar seguimento em sua aventura amorosa às escondidas. Nesse sentido:

[...] a contradição do nome também serve para reafirmar a crítica à fatalidade sócio-racial na obra. Dessa forma, o nome Clara dos Anjos e as referências evocadas assumem o papel de pólo contraditório da denúncia constituindo-se numa ironia por fazer o leitor conscientizar-se desta incoerência (FURTADO, 2003, p. 76).

Não obstante as afirmações de Furtado (2003), Cristiano Mello de Oliveira, no artigo **Estudos de gênero – a opressão do feminino na obra Clara dos Anjos de Lima Barreto** (2011), corrobora a afirmativa relacionada à analogia feita por Lima Barreto com relação ao primeiro nome do romance, **Clara**, referindo-se à contraposição de seu tom de pele; porém, quanto à segunda parte do título do romance, **dos Anjos**, o autor demonstra uma outra vertente de associação, pois entende que há analogias místicas e áureas às mulheres protegidas por “deuses e pelas mãos do Senhor” (p. 75), associando esta nomenclatura ao fato de Clara receber um excesso de proteção por parte dos pais. Para o autor:

Muitas das vezes esse nome tão rico e tão histórico pode ser muito bem entendido, sem forçar outras conotações, como elemento metonímico na obra do escritor carioca, significando como uma singularidade das mulheres oprimidas desse enorme Brasil (BARRETO, 2011, p. 75).

Assim, vê-se que mesmo o nome do romance é utilizado por Lima Barreto como uma forma de denúncia às mazelas a que a afro-brasileira seria submetida na trama; ainda que de forma contraditória, irônica ou mística, como elucidado pelos teóricos acima referenciados.

Por outro lado, a denúncia ao preconceito de raça existente à época pode ser observada em diferentes passagens da obra, tanto sob o âmbito da escravatura quanto sobre tempos em que não mais se tinha o direito de escravizar os negros no Brasil.

Como exemplo de denúncia à sujeição do afro-brasileiro perante os brancos durante a escravidão, tem-se a passagem na qual o narrador descreve o padrinho de Clara, Marramaque, acabando por demonstrar a situação do Rio de Janeiro em tempos próximos ao fim da escravização negra, como segue:

Estávamos em plena escravatura, se bem que nos fins, mas a antiga Província do Rio de Janeiro era próspera e rica, com as suas rumorosas fazendas de café, que a escravaria negra povoava e penava sob os açoites e no suplício do tronco (BARRETO, 1996, p. 31).

Vê-se Lima Barreto utilizando-se da descrição do Rio de Janeiro para demonstrar a realidade da cidade sob o âmbito da situação de negros ainda condenados à escravidão pela elite formada por homens economicamente privilegiados. Não há menção meramente estatística ou sociodemográfica, como era comum a muitos escritores da época, os quais se omitiam em relação à sofrida realidade vivenciada pelos negros e afrodescendentes no Brasil. Ao contrário, Lima Barreto exprimiu essa realidade de forma dramática, externando o real sofrimento a que os escravizados foram submetidos, fazendo-o sem delongas ou meias palavras. Afinal, os açoites e o suplício do tronco são castigos cruéis que há muito já se sabe foram experimentados pelos escravizados.

Ademais, se o sofrimento físico dos negros está expresso em **Clara dos Anjos**, também as dores emocionais e psicológicas, que são uma das consequências mais repudiantes do preconceito racial, não foram esquecidas pelo autor. Lima Barreto as demonstra na mesma passagem do livro, na qual descreve Marramaque:

Havia, quando rapazola, muitas névoas na sua alma, um diluído desejo de vazar suas mágoas e os sonhos, no papel, em verso ou fosse como fosse; e um forte sentimento de justiça. O espectro da escravidão, com todo o seu cortejo de infâmias, causava-lhe secretas revoltas (BARRETO, 1996, p. 32).

Tem-se, portanto, Lima Barreto retomando a denúncia contra as consequências do preconceito racial da época da escravidão. O autor demonstra que a escravidão e a situação em que os negros se encontravam causavam revoltas tanto em escravizados quanto em alguns não escravizados, talvez nem afro-brasileiros, como no caso de Marramaque. Porém, de toda forma, ainda que se sentissem no dever de fazer justiça, de declararem sua revolta com a forma ultrajante com que eram tratados os negros, ninguém podia tomar muito partido. Não tinha voz esse tipo de reivindicação. Fosse por fatores externos ou internos, a verdade é que muitos Marramaques deviam se espalhar pelo Brasil, silenciando sua amargura oriunda das injustiças da escravatura, do acometimento dos afro-brasileiros como uma raça inferior, enfim, do preconceito étnico a que eram submetidos.

Assim, como visto anteriormente, os afro-brasileiros estavam à margem da sociedade, abandonados pelas classes dominantes e pelo governo, entregues à

própria sorte. Essa realidade também é retomada e denunciada por Lima Barreto em **Clara dos Anjos** quando o autor descreve o encontro de Cassi Jones com sua primeira vítima, uma negra que agora estava abandonada em um prostíbulo e que havia tido, infelizmente, um filho oriundo da desgraça que Cassi lhe causara; ele a deflorara e a abandonara. Desse encontro, é importante exprimir a passagem que demonstra a fala da vítima à Cassi:

– “Tu” é “mao” mas tua mãe é pior. Quando ela descobriu “qui” eu “tava” com “fio” na barriga, “mi pois” pela porta afora, sem pena, sem dó “di” eu não “tê pronde í”. E o “fio” era neto dela e ela “mi” tinha criado... Vim da roça... Ah! Meu Deus! Se não fosse uma amiga, tinha posto o “fio” fora, na rua, que era serviço... Deus perdoe a “tua” mãe o que “mi” fez “í” a meu “fio”, “fio” deste “qui taí”, também, Deus lhe perdoe!

E a pobre negra abaixou-se para apanhar a barra da saia enlameada, a fim de enxugar as lágrimas com que chorava o seu triste destino, talvez mais que o dela, o do seu miserável filho, que, antes dos dez anos, já travara conhecimento com a Casa de Detenção... (BARRETO, 1996, p. 92).

Nota-se a denúncia de Lima Barreto àquilo que foi expresso pela teoria que afirma que o governo abandonou os negros em detrimento dos imigrantes e das classes dominantes do país. No caso específico, há a denúncia de que o filho só sobreviveu e teve algum cuidado devido ao auxílio que a mulher recebeu de uma amiga, dado que a mãe de Cassi a ignorou, como também o faria com Clara posteriormente. Infelizmente, dadas as circunstâncias em que viera ao mundo, o filho da pobre mulher acabou na Casa de Detenção antes de completar os dez anos.

Se, por um lado, tem-se a criança que representa a marginalização dos afro-brasileiros ainda em sua primeira década de vida e a realidade da mulher que, deflorada, acabou por abraçar o destino da prostituição (o que pode estar atrelado ao fato de ambos terem sido abandonados, tanto por Cassi Jones e sua mãe, quanto pelo governo, no mesmo passo que todos os seus iguais à época), também se observa a denúncia de Lima Barreto ao preconceito racial sofrido pela mulher por parte da mãe de Cassi.

Como se depreende da referida passagem, a mulher havia convivido com Dona Salustiana (mãe de Cassi) desde pequena, quando viera da roça, mas, ainda assim, aquela que era a avó de seu filho a colocara na rua, sem ter para onde ir, grávida, abandonado-a à própria sorte. Lima Barreto demonstra que nenhum afeto tinha Dona Salustiana pela pobre moça, denunciando novamente a subjugação do

afro-brasileiro como um ser inferior, que, quando bem, adequava-se para servir, mas jamais para ser considerada como um ser humano.

Dona Salustiana representa bem esses indivíduos que impregnavam a sociedade à época, e ainda se fazem presentes na sociedade, porém, muitas vezes, de forma velada. Além de preconceituosa, a mãe de Cassi Jones possuía a mania de grandeza justificada na árvore genealógica que afirmava possuir, apresentando um comportamento social de superioridade, por acreditar que ser branco e rico era o que importava em uma sociedade. Portanto, não se misturava com afro-brasileiros e pobres, a não ser se estes estivessem limitados a servi-la.

Portanto, não se tinha sentimento por aqueles afro-brasileiros, tão necessitados de amparo e oportunidades. Tal fato não foi limitado por Lima Barreto somente a Dona Salustiana. O autor fez questão de demonstrar que o filho, tal qual a mãe, também não possuía compaixão alguma por aquela vítima de seus atos e pelo filho que tivera como fruto da desonra causada, citando sobre Cassi Jones que “Nenhum pensamento lhe atravessou a cabeça, considerando que um seu filho, o primeiro, já conhecia a detenção...” (BARRETO, 1996, p. 92), demonstrando, assim, a frieza e a insensibilidade que tinham aqueles diversos Cassis existentes à época para com os afro-brasileiros que, na visão deles, mais se assemelhavam a objetos do que a seres humanos. Ainda que já não mais fossem escravizados, a cultura daqueles inseridos em classes mais abastadas insistia em considerá-los como objetos de simples uso, abuso e descarte.

Essa denúncia ao abandono dos afro-brasileiros por parte daqueles que se sentiam diferentes deles e superiores a eles, volta à tona no final do romance, quando então é a vez de a protagonista da trama sentir na pele todo o desprezo e o repúdio que Dona Salustiana tinha pelos negros e pelas pessoas desfavorecidas economicamente, características presentes em Clara. Conforme aponta Natália Andrade do Nascimento, em artigo intitulado **O homem em sociedade em Clara dos Anjos**, de Lima Barreto:

[...] Dona Salustiana com seu ar de superioridade não poderia ter uma nora pobre, nem um neto preto, para ela o seu filho merecia coisa melhor, uma mulher rica, de posses, que pudesse proporcionar a ele uma vida de mordomia, por isso Cassi não tinha preocupações ao “aprontar” com as moças ingênuas do Rio de Janeiro (NASCIMENTO, 2009, p. 41, grifo da autora).

E, obviamente, não seria diferente com Clara dos Anjos. Deflorada, grávida e abandonada por Cassi Jones, a moça, em companhia de Dona Margarida, vai até a casa da família daquele que causara sua desgraça em busca de denunciar o feito e de receber algum auxílio, uma solução para seu problema. Entretanto, após Dona Margarida relatar todo o ocorrido, o que o narrador nos apresenta é a indiferença da família de Cassi para com os problemas experimentados pela protagonista. Conforme se pode ler em Barreto (1996, p. 103-104),

A mãe de Cassi, [...] pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico:

- Que é que a senhora quer que eu faça?

[...] Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter [Clara] e respondeu como fora de si:

- Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim expectorou:

- Que é que você diz, sua negra? [...] É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta... [...] Casado com gentes dessa laia [...].

Vê-se Lima Barreto contrapondo duas realidades completamente diferentes perante o leitor: Clara, afro-brasileira humilde, e Dona Salustiana, mulher branca e de família tida como tradicional; ambas moradoras do subúrbio, porém, a primeira em uma rua sem calçamento e a segunda em rua calçada situada em ambiente elegante; a moça ingênua, indolente, desonrada e sem expectativas, e a senhora imponente, ativa, representante dos resquícios imperiais, para quem era inimaginável e inaceitável que seu filho, de pele clara, descendente de europeus, viesse a constituir matrimônio com uma afro-brasileira, representante ali da continuidade de uma raça que sequer deveria ser considerada como humana. Na opinião de Nascimento (2009):

[...] Clara não teve nenhum tipo de apoio da família de Cassi, insultada de negra e irresponsável, não podia fazer nada, além de ir pra casa e cuidar do filho, sozinha. Dona Salustiana, realmente, era o tipo de pessoa da mais insignificante espécie de ser humano. Situações como essa encontramos frequentemente nas esquinas da vida, meninas jovens, já mães solteiras, sem planos para o futuro, dependendo de um e de outro para poder sobreviver, sofrendo preconceitos de uma sociedade que só sabe julgar e condenar pessoas, muitas vezes, inocentes. Clara por ser pobre e negra, foi discriminada sem direito ao menos de se explicar, de expor realmente o que aconteceu e o que ela pensava sobre o episódio (NASCIMENTO, 2009, p. 43).

Mais especificamente, o autor de **Clara dos Anjos** está denunciando que tanto Cassi Jones como a mãe do personagem, Dona Salustiana, estavam repetindo os mesmos atos que haviam cometido outrora com aquela negra que acabara como prostituta, cujo filho havia sido criado por uma amiga. O autor demonstra que a superioridade acreditada por esse tipo de gente não tinha limites e as situações se repetiam sem que houvesse uma mudança em suas crenças, em suas ações. Ainda que não vivessem mais durante a escravidão, o fim desta não havia significado, de fato, uma ruptura para aqueles que tinham a pele clara.

Neste ponto, pode-se abrir espaço para o pensamento de Nascimento (2009), para quem Lima Barreto, ao denominar o personagem vilão como Cassi Jones, desejou remeter ao *status* e à aparência, utilizando-se do estrangeirismo para denunciar a corrupção cultural e social, além de remeter também ao conceito de celebridade, de alguém importante, que é sempre centro das atenções. O escritor estava a denunciar a existência de diversas pessoas como Cassi naquela sociedade, indivíduos cheios de si, superiores, para quem as moças, principalmente as negras, eram apenas objetos.

Trata-se da apropriação, por Lima Barreto, do discurso do preconceito étnico, demonstrando, sob o ponto de vista de um afro-brasileiro, qual a realidade que os afrodescendentes vivenciavam naquela sociedade preconceituosa e distintiva que, ainda dominada pela escória do período imperial, considerava os negros e os mulatos como inferiores ao branco.

Entretanto, ainda que se tenha dado margem, nesta subseção, a uma abordagem sobre a recuperação do discurso dos afro-brasileiros por Lima Barreto em **Clara dos Anjos**, vale informar que o autor, muitas vezes, associou seus pensamentos sobre a situação dos negros no Brasil à situação vivenciada pelos pobres e pela mulher no romance, o que torna dificultada a sua dissociação para que o tema seja abordado por completo aqui. Portanto, infere-se que a apropriação do discurso dos afro-brasileiros pelo escritor também se encontra disposta nos tópicos que seguem, os quais têm por finalidade demonstrar a recuperação dos discursos daqueles socioeconomicamente menos favorecidos e das mulheres.

4.2 A POBREZA

A fim de tratar da questão da presença da temática acerca da pobreza no romance **Clara dos Anjos**, faz-se necessário, inicialmente, melhor compreender aspectos relacionados às classes sociais, as quais passaram a ser consideradas no Brasil após a derrocada da equivocada ideologia de classes sociais hegemônicas, como abordado brevemente no tópico anterior.

De forma geral, as classes são tidas como elementos que perfazem a transformação das estruturas sociais, pois, conforme citado pelo sociólogo mexicano Rodolfo Stavenhagen, no capítulo **Classes sociais e estratificação social**, do livro **Sociologia e sociedade: leitura de introdução à sociologia** (1994), são parte integrante da dinâmica da sociedade e, simultaneamente, movidas por sua própria dinâmica interna; originando-se de determinadas condições estruturais da sociedade e constituindo elementos estruturais da mesma.

São essas classes sociais que possibilitam a visualização da estratificação que ocorre na maioria das sociedades que possuem minorias, como é o caso do Brasil, principalmente no fim do século XIX e início do século XX, que é o período que interessa ao presente trabalho dissertativo. Obviamente que a distinção de grupos de indivíduos por classes sociais ainda impera no país hodiernamente, porém, tendo em vista os objetivos deste trabalho, importa verificar como a estratificação social delimitava alguns grupos no período que procedeu a abolição da escravidão.

Inerentes à questão da estratificação social, Stavenhagen (1994) estabelece que há critérios que precisam ser compreendidos. O referido autor os descreve como:

[...] quantitativos, e que podem ser representados por gradações ou curvas (tais como o nível de renda ou a educação), e os que são qualitativos. Estes, por sua vez, são de dois tipos: os critérios objetivos (tais como a posse ou não posse de certos bens, o tipo de trabalho desempenhado na sociedade, o desempenho de funções diretoras ou subalternas, etc.) e os critérios que, ainda que objetivos, estão baseados, sem dúvida, em avaliações subjetivas, tais como o prestígio de certas ocupações ou dos diferentes grupos raciais ou étnicos (critério importante nas sociedades com problemas de minorias) (STAVENHAGEN, 1994, p. 282).

Por conseguinte, os critérios quantitativos e qualitativos são os que permeiam a ocorrência da estratificação social, visto que qualificam os indivíduos e

caracterizam os grupos de forma a conceder um entendimento de seu agrupamento e, conseqüentemente, sua participação e posicionamento social.

Conforme preconiza o sociólogo em questão, ao se tratar das classes sociais há que se ter sempre em mente que as mesmas são assimétricas, tendo em vista que sempre haverá uma oposição entre os diferentes grupos de indivíduos. Nas palavras do próprio autor, é preciso considerar que:

[...] frente aos que possuem poder, os meios de produção e as riquezas se encontram aqueles que não as possuem; que os que não trabalham com seus meios de produção empregam o trabalho assalariado de outros; que uns estão “acima” e outros estão “abaixo” (STAVENHAGEN, 1994, p. 291).

Feitas essas observações torna-se mais facilitada a visão das diferentes posições ocupadas pelas classes na sociedade, representando efetivamente uma estratificação. Consegue-se perceber a oposição que há entre as classes, mas, obviamente, é preciso considerar que há classes intermediárias, aquelas que não se encontram nos extremos da hierarquia de classes sociais.

Voltando-se para o contexto histórico que se aborda neste trabalho, importa esclarecer que a República tinha, teoricamente, o objetivo de formar uma sociedade democrática, a qual elevaria a condição de todos os seus cidadãos ao mesmo patamar de igualdade política; assim ter-se-ia um Brasil com uma sociedade moderna. Entretanto, esse objetivo parece ter ficado apenas na teoria, haja vista que, na prática, grande parte da sociedade (o povo) foi mantida à margem. A elite continuava com sua prevalência sob o ponto de vista econômico e político. Do Estado, esperava-se o bom cumprimento dessa função (a do estabelecimento da plena cidadania para todos), porém, tal fato não foi observado.

Os indivíduos menos favorecidos da sociedade brasileira foram, cada vez mais, criando características próprias, dentre as quais, suas ações cotidianas, as vestimentas e suas formas de comportamento, os quais não eram supostamente compatíveis com o discurso civilizador que pregava uma cidade limpa e ordeira, tendo como inspiração o parâmetro burguês de conduta. No próprio romance **Clara dos Anjos**, Lima Barreto descreve esses cidadãos:

Fisionomias diferentes de trato e de cor: velhas de mantilha, moças de peito deprimido, barbudos portugueses de duros trabalhos, rostos de caixeiros, de condutores de bondes, de garçons de hotel e de botequim, mãos queimadas de cozinheiras de todas as cores, dedos gulhados de humildes lavadeiras [...] (BARRETO, 1996, p. 90).

Porém, não só a aparência era característica marcante dessas pessoas, as profissões e os trabalhos que realizavam também lhes eram particulares, demonstrando uma realidade que não condizia com a da burguesia e a situação precária à qual eram submetidos esses indivíduos, na maioria das vezes, omitidos nos discursos oficiais.

Se as condições profissionais desses indivíduos ocupantes da margem social demonstravam considerável contradição com o objetivo da República, a educação não se diferenciava. Ainda que o discurso oficial pregasse a educação como ferramenta de formação de cidadãos e como condição essencial para o desenvolvimento da nação brasileira de forma progressista e cidadã, havia uma real dificuldade no acesso ao ensino. Cerca de 85% da população brasileira era analfabeta na transição dos séculos XIX e XX (herança deixada pela Monarquia que não se importou com a educação dos menos favorecidos) e as pessoas pobres que desejavam se educar eram submetidas a sérios constrangimentos, o que só reforçou a exclusão social. Como bem explicitado por Silveira:

Dificultar o acesso ao saber era mais uma faceta da exclusão a que estavam sujeitos os mais pobres. Assim, na fala dos republicanos, os espaços e as oportunidades da cidade pareciam pertencer a todos; não se colocavam placas demarcatórias para a permissão da entrada dos indivíduos, mas o controle se dava de uma maneira mais sutil: por gestos, falas não pronunciadas num vazio de concreto e esplendor. Muitos sujeitos que não pertenciam a esse mundo de aparências, falas e gestos requintados se vêem excluídos desse local, perdidos em meio a um mar de etiquetas e regras a serem seguidas (SILVEIRA, 2006, p. 137).

Dessa maneira, via-se no Brasil a manutenção da estratificação social, ocasionada não só pelas condições ultrajantes de trabalho como também pela falta de acesso à educação.

Nesse ponto, é importante voltar-se à citação das lições de Stavenhagen (1994, p. 291), o qual esclarece que “As características específicas de cada sistema de estratificação dependem diretamente do conteúdo específico das relações e das posições entre as classes”. Portanto, tendo como base o Brasil pós-abolição da escravidão, e mais especificamente o Rio de Janeiro, considera-se que as classes

sociais que se encontravam nas partes inferiores eram constituídas por negros recém-libertos ou novas gerações oriundas destes, além de brasileiros que migraram do Nordeste em busca de melhores oportunidades que lhes garantissem o sustento.

De toda forma, verificou-se em associação à busca por civilização do povo brasileiro os entes estatais implementando no Rio de Janeiro, por exemplo, uma reurbanização que, direta ou indiretamente, levou as classes sociais menos favorecidas a se aglomerarem às margens da cidade, tanto socialmente quanto geograficamente, conforme bem elucidada Fabiana Câmara Furtado:

A reurbanização intensificou a estratificação social, posto que aumentou o valor da moradia nas áreas beneficiadas pelos serviços essenciais, condenando a população carente a morar em locais mais afastados da cidade. No entanto, a ineficiência no sistema de transporte desestimulava a transferência da população carente para esses locais, resultando no surgimento das favelas e na inflação de pessoas nos centros urbanos (FURTADO, 2003, p. 31).

Vê-se, nesse sentido, que as classes dominantes do país, como forma de perpetrar sua dominância para até os dias atuais, utilizavam-se de discursos como os da civilização do povo brasileiro para justificar suas ações excludentes e discriminatórias. Assim, foram mantendo-se no poder, enquanto as classes menos abastadas iam cada vez mais se refugiando às margens:

A “desodorização” do espaço urbano teve também a intenção de disciplinar as classes menos favorecidas, atendendo a um desejo da classe dominante. Os higienistas e o poder público desejavam administrar a vida do trabalhador pobre controlando seus atos, desfazendo a rede de relações sociais feitas nas ruas, nos bairros, nas vilas e nas casas com vistas a mudar toda a paisagem urbana do Rio de Janeiro (FURTADO, 2003, p. 32).

Tal como ocorreu com os afro-brasileiros, e demonstrado no tópico anterior, os indivíduos de classes menos favorecidas passavam a depender daqueles que também se encontravam na mesma situação de abandono e miséria. Não havia auxílio por parte dos entes estatais que lhes garantisse uma condição de vida digna, com um mínimo de subsistência, pois naquele contexto,

Como pertencendo a um outro Brasil, são mantidos fora do mercado de trabalho e da vida política nacional negros, caboclos e brancos pobres, se mestiçando, alheios às grandes cenas da “vida nacional” e ausentes de sua história oficial (MOURA, 1995, p. 15).

Assim, sobrevivendo à margem do cotidiano das principais cidades do Brasil, os pertencentes às classes menos abastadas vão se aglomerando nas periferias. No romance **Clara dos Anjos**, ao descrever o subúrbio do Rio de Janeiro, Lima Barreto estabelece um quadro real dos lugares que aglomeravam indivíduos de classes sociais carentes, demonstrando que aos mesmos já não restava mais espaço para a melhoria de vida, para a mudança de paradigmas e ascensão social:

O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes dêem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos (BARRETO, 1996, p. 60).

Trata-se da recuperação, por Lima Barreto, do discurso dos menos favorecidos, daqueles que são combalidos pela sociedade devido ao fato de não terem dinheiro, posse e influência. O autor usa das descrições dos ambientes suburbanos do Rio para denunciar a precariedade da vida desses indivíduos, denunciando não só o governo, mas os indivíduos de classes sociais mais abastadas pelo descaso com a população marginalizada.

Lima Barreto toma para si esse discurso e o expõe da forma mais realista possível, citando que no subúrbio não há infraestrutura ou sequer um mínimo de planejamento para a construção das habitações, de modo que, devido à falta de recursos, as pessoas vão se aninhando da maneira como conseguem:

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato (BARRETO, 1996, p. 58).

O autor demonstra que aos indivíduos que vivem no subúrbio não há alternativas; precisam estar ali pois foi o único lugar que lhes sobrou para viver, mesmo que de forma subumana. Ademais, **Clara dos Anjos** denuncia o abandono desses indivíduos pelo governo no que concerne ao provimento de condições básicas de vida:

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro. [...] Não há água, ou, onde há, é ainda nos lugarejos do Distrito Federal, que o governo federal caridosamente supre em algumas bicas públicas; não há esgotos; não há médicos; não há farmácias (BARRETO, 1996, p. 59-60).

Observa-se, por conseguinte, a pena de Lima Barreto denunciando o descaso do governo de forma avassaladora, como quem quisesse dar voz àqueles indivíduos que, apesar de contribuírem com as taxas impostas para a manutenção de suas condições mais básicas de vida, viam os recursos sendo utilizados apenas em prol daqueles que tinham posses, que moravam em outras regiões da cidade.

Lima Barreto ainda se utiliza da ironia e do sarcasmo para estabelecer o grito dos menos favorecidos. Vê-se tal configuração na inserção do termo **caridosamente**, mesmo após ter relatado que **atrozes impostos** são pagos pelos cidadãos. Tal linguajar deixa explícita a não conformação do autor com a realidade que cercava a população do subúrbio.

Mais que isso, o autor ainda parece tentar justificar as ações que, à época, poderiam ser tidas como descabidas pelas madames da burguesia, cheias de trato e postura, quando cometidas pelas mulheres do subúrbio. Lima Barreto descreve que a falta de etiqueta e de compostura do povo pobre associa-se justamente às mazelas a que este é submetido rotineiramente, quando discorre:

A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres. O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam, a incapacidade de encontrar fora do seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas, em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. Todas elas se têm na mais alta conta, provindas da mais alta prosápia; mas são pobríssimas e necessitadas. Uma diferença acidental de cor é causa para que possa se julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar mais do que o daquela é outro. Um “belchior” de mesquinhas açula-lhes a vaidade e alimenta-lhes o despeito (BARRETO, 1996, p. 59).

O autor descreve que a impaciência característica aos menos favorecidos atrela-se diretamente às condições em que vivem, ou sobrevivem. Trata das mulheres do subúrbio como que constantemente irritadas justamente devido ao fato de viverem sempre na miséria, lutando para conseguir algum provento que lhes garanta mais um dia de vida.

Não obstante, Lima Barreto retoma o discurso do afro-brasileiro ao citar que **uma diferença accidental de cor** pode motivar desavença entre vizinhas, fazendo analogia ao fato de que, ainda que inseridas no mesmo contexto de pobreza, a pele branca era sempre considerada como característica de seres supostamente superiores. E dá continuidade ao discurso dos menos favorecidos citando que outra motivação para desavenças seria o fato de o marido de uma mulher ganhar mais do que o de outra, o que também tornaria aquela família superior.

O que, de tudo, Lima Barreto parece querer demonstrar na passagem citada, é que todos aqueles indivíduos do subúrbio estão no mesmo barco. São todos pobres e deveriam se unir para buscarem seus direitos e melhores condições de vida perante os homens do poder, em vez de aquelas mulheres permanecerem se preocupando com mesquinhas bobagens suburbanas, diante de toda a desigualdade que havia no Rio de Janeiro como um todo, para não dizer no Brasil.

Não obstante a realidade da vida suburbana descrita em **Clara dos Anjos** como forma de dar voz aos menos favorecidos, Lima Barreto ainda fez questão de inserir na trama o preconceito e a distinção que era feita por pessoas de classes econômicas mais elevadas. Tal denúncia é realizada principalmente por meio da personagem Dona Salustiana. Veja-se o excerto a seguir:

Quando se lhe perguntava – seu pai, o que era? – Dona Salustiana respondia: era do Exército; e torcia a conversa. Não era seu pai exatamente do Exército. Fora simplesmente escriturário do Arsenal de Guerra. Com muito sacrifício e graças a uma pequena fortuna que lhe viera por acaso às mãos, pudera educar melhorzinho os dois únicos filhos que tivera. A vaidade de Dona Salustiana não deixava que ela confessasse isso [...] (BARRETO, 1996, p. 23).

Dadas as circunstâncias em que descreve a personagem, fica nítida a vergonha que Dona Salustiana tinha de demonstrar que sua origem era humilde e que, afinal, sua família também havia vivido momentos de dificuldades econômicas. Lima Barreto denuncia essa postura das diversas Donas Salustianas que deviam existir no Brasil, as quais, após obterem alguma ascensão econômica na vida, por vergonha ou repúdio, preferiam esconder seu passado humilde, fosse com omissões ou com mentiras, da mesma forma como os brancos desejavam fazer com os negros.

Na mesma linha de raciocínio, o escritor demonstra que Cassi Jones também inferiorizava os indivíduos de classes mais baixas, pois:

Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. [...] A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta (BARRETO, 1996, p. 23).

Lima Barreto destaca a forma como Cassi escolhia suas vítimas, não se importando com a raça, mas com a classe social a que pertenciam, pois sabia que as mais humildes não teriam voz perante os seus atos covardes e desonrosos. O autor demonstra que as moças pobres eram subjugadas, inferiorizadas, tanto pelo malandro, quanto por sua mãe, que, não se importando com a gravidade das ações do filho, tomava conhecimento de suas atitudes, mas jamais tomaria partido em prol de suas vítimas, pois não desejava que seu filho se casasse com alguém de classe social inferior à sua.

E não só nessa passagem está a denúncia de Lima Barreto, que se encontra também no trecho em que Marramaque denuncia as más intenções de Cassi a Joaquim, pai de Clara: “Você não vê que, se ele se quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro?” (BARRETO, 1996, p. 80).

O autor denuncia, portanto, as mazelas a que eram submetidos os menos favorecidos por indivíduos de um posicionamento social privilegiado, sem que estes sofressem qualquer tipo de punição. Dessa forma, os mesmos tornavam-se alvo daqueles indivíduos com melhor posicionamento social que tinham más intenções, pois as ações repugnantes e os crimes eram abafados e ninguém se importava com o seu cometimento. Havia uma banalização quanto aos atos que sobrepujavam os mais pobres, e Lima Barreto, que havia sentido na pele os efeitos desses atos, os expõe como quem quisesse que o mundo tivesse conhecimento e se revoltasse com tal situação.

4.3 QUESTÕES DE GÊNERO

No fim do século XIX e início do século XX, as mulheres brasileiras ainda viviam sob os ditames de uma cultura estritamente patriarcal, marcada pela subjugação e inferiorização perante os homens. Ainda havia na concepção da sociedade a visão de que a mulher, em razão do simples fato de haver nascido mulher, estava predestinada ao cuidado com o lar, ao casamento e à maternidade.

Obviamente, ao passo que, muitas vezes, a Literatura traduz na ficção as realidades a que estão postos os criadores das obras, a construção da identidade feminina em diversos textos apresenta a mulher exatamente como essa cultura de subjugação a considerava: inicialmente servindo ao pai, aprendendo os dotes do lar, para, posteriormente, casar-se e passar a servir ao marido, tanto no cuidado da casa quanto no dos filhos.

Essa representação feminina na Literatura é explicada pela crítica literária Ana Helena Cizotto Belline, no capítulo **A representação da mulher e o ensino de Literatura**, do livro **Representações do feminino**, a qual acredita que “A construção de imagens femininas na literatura tem sido um meio pelo qual valores culturais têm sido mantidos de geração a geração” (BELLINE, 2003, p. 96).

Por sua vez, Vera Lúcia Pires, no capítulo **A identidade do sujeito feminino: uma leitura das desigualdades**, inserido no livro **Representações do feminino**, enfatiza que a Literatura foi utilizada para a manutenção do discurso de gênero, tendo em vista que:

As relações hierárquicas entre os sexos são estratégias de poder que, articuladas a partir do discurso, tentam encobrir as desigualdades, naturalizando-as. Produz-se um consenso e o que foi construído culturalmente é atribuído à natureza. Os paradigmas culturais de gênero, tanto quanto outros referenciais de diferenças – como raça e classe – estruturam toda a vida dos indivíduos, sejam mulheres ou homens, determinando seus discursos e suas condutas (PIRES, 2003, p. 207).

Nesse sentido, a Literatura Brasileira da época serviu, muitas vezes, como instrumento de disseminação dos discursos de gênero, auxiliando na manutenção da pretensa superioridade masculina preconizada no Brasil de fins do século XIX em transição para o século XX.

Aqui é válido relembrar o que foi descrito na subseção A cor da pele, anteriormente desenvolvida, em relação ao fato de o Brasil, e especialmente o Rio de Janeiro, estar passando por uma fase de transição, a qual previa uma mudança de paradigmas sobre a sociedade brasileira, desejando-se uma progressão e civilização do povo.

Em específico para as mulheres, essa mudança reforçava sua função de cuidadoras do lar, uma vez que eram responsáveis pela assistência aos filhos, os quais eram vistos como peças fundamentais para a civilização em longo prazo do povo brasileiro, conforme aduz Fabiana Câmara Furtado:

As conseqüências destas restaurações para as mulheres faziam-se presentes através das pressões recebidas, pois ficou sobre a sua responsabilidade o dever de moldar a si mesma e a família nesse novo padrão de comportamento garantindo o sucesso na nova ordem de pensamento. Com essa atribuição, intensifica-se a sua atuação no papel de esposa-mãe-de-família-dona-de-casa, os filhos deveriam receber toda atenção possível, nesse discurso eles eram considerados a riqueza e o futuro do país. O gerenciamento da família exigia a atenção nos mínimos detalhes do cotidiano de cada componente, através do controle dos horários, da alimentação, do conhecimento das suas atividades, vigiando literalmente os seus passos, no intuito de evitar a aquisição de vícios comprometedores do desenvolvimento físico e moral (FURTADO, 2003, p. 33).

As mulheres eram, nesse sentido, cada vez mais sobrecarregadas com os cuidados da casa e dos filhos, de forma tal que se lhes mantinha estratégica e preconceituosamente a suposta condição de inferioridade em relação ao homem perante a sociedade. Não lhes era considerada a participação nos processos decisórios da sociedade, a não ser aqueles que se referissem à sua própria família, quando esses lhes eram permitidos.

Essa concepção de inferioridade da participação social das mulheres está posta, inclusive, no **Código civil** promulgado já no ano de 1916, o qual, ao estabelecer as obrigações de homens e mulheres, o faz de forma discriminatória, impondo ao homem – descrito como **o chefe** – o dever de administrar, tomar as decisões e sustentar a família¹⁴, enquanto sobre a mulher recai apenas a função de auxiliar o marido nessas tarefas¹⁵. Vale ressaltar, aqui, conforme já abordado anteriormente, a título de contextualização, que o romance **Clara dos Anjos** terá sido escrito por Lima Barreto no período entre 1904 e 1922, podendo-se notar a razão pela qual essa ótica androcêntrica inferiorizante do discurso e da identidade feminina, respaldada à época inclusive pelas instâncias jurídicas do país, aparece retratada na obra em questão.

Assim, as personagens femininas nos mais diversos textos literários representavam, na maioria das vezes, essa mulher submissa, estratificada socialmente devido ao seu sexo. Ademais, se à mulher em geral impunha-se a

¹⁴ “Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal. Compete-lhe: I. A representação legal da família. II. A administração dos bens comuns e dos particulares da mulher, que ao marido competir administrar em virtude do regime matrimonial adaptado, ou do pacto antenupcial (arts. 178, § 9º, nº I, c, 274, 289, nº I, e 311). III. direito de fixar e mudar o domicílio da família (arts. 46 e 233, nº IV). IV. O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do tecto conjugal (arts. 231, nº II, 242, nº VII, 243 a 245, nº II, e 247, nº III). V. Prover à manutenção da família, guardada a disposição do art. 277” (BRASIL, 1916, sem paginação).

¹⁵ “Art. 240. A mulher assume, pelo casamento, com os apelidos do marido, a condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família (art. 324)” (BRASIL, 1916, sem paginação).

caracterização de submissão pelo simples fato de ser mulher, quando essa condição se associava ao fato de a mulher ser afro-brasileira, outros quesitos de subjugação eram adicionados, conforme descrito pela professora de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Maria Consuelo Cunha Campos:

[...] estereótipos literários como os da donzela casadoura branca, da mulata sensual e ferosa, da negra abnegada, submissa, máquina de trabalhar, corresponderam, respectivamente, à procriação, à questão patrimonial, familiar e sucessória e à exploração da mão-de-obra, numa sociedade patriarcal, sexista e racista e na qual a literatura frequentemente reforçou os lugares sociais assinalados ao gênero feminino e às chamadas raças (CAMPOS, 2007, p. 2).

Portanto, vê-se que à mulher denominada mulata pela autora em comento era tida na Literatura Brasileira como uma personagem caracterizada pela sensualidade e sexualidade, objeto do desejo sexual masculino, linha de reflexão crítica que é corroborada pelo doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada Eduardo de Assis Duarte, o qual descreve, em artigo intitulado **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**, a personificação da mulata na ficção literária, de forma ainda mais completa:

[...] a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 6).

Tem-se, portanto, a confirmação de que a mulata era caracterizada nas obras literárias como um objeto sexual a ser utilizado conforme o desejo dos homens, como se ela tivesse essa predestinação desde o seu nascimento, por ser mulher e afro-brasileira. Desta feita, a ficção literária reforçava essa cultura, auxiliando na manutenção do discurso majoritário masculino que preconizava tal realidade como uma coisa natural.

Não obstante, grande parte dessas mulheres sentia-se presa à imagem socialmente criada em torno do universo feminino, de modo que era comum serem tratadas como propriedade pelos homens, que viam no corpo das mesmas um mero

objeto, passível de desfrute e de defloramento. A respeito de tal costume, dominante em culturas machistas, levando-se em consideração o romance **Clara dos Anjos**, Rita de Cássia Guimarães Melo pondera que:

Era da estrutura social e mental acatar a palavra do homem, e, ao final, a culpa era das mulheres, porque não escapavam nem as puras – como será o caso de Clara – nem aquelas cujos comportamentos pudessem ser denominados licenciosos. A transgressão dos valores morais e sexuais estava no ar. Cassi não poderia ter tanto poder se não houvesse o incentivo externo – uma atmosfera –, não por conta das mulheres como indivíduos, mas delas como um grupo, uma extração social que se emancipa e ganha o espaço público (MELO, 2011, p. 298).

A autora supramencionada está se referindo à tentativa de emancipação das mulheres naquela época, pois, ainda que de forma tímida, foi justamente no fim do século XIX e início do século XX que começaram a surgir, não só no Brasil como em diversas regiões do mundo, movimentos protagonizados por mulheres que buscavam a igualdade entre os gêneros. Trata-se de um período histórico em que começaram a surgir reivindicações quanto à participação e ao posicionamento social das mulheres, principalmente no que se refere à própria independência, liberdade e poder de decisão.

Como exemplo, pode-se citar a busca pelo sufrágio feminino, a qual nessa época atingiu seu ponto máximo em diversas regiões do mundo, sendo descrito pela filósofa existencialista e feminista Simone de Beauvoir, em seu livro **O segundo sexo I – fatos e mitos** (1970), que essa conquista se deu na Nova Zelândia em 1893, na Austrália em 1908, na Inglaterra em 1928, em algumas repúblicas norte-americanas em 1933, e na França em 1945.

É, portanto, possível verificar que o período foi, ainda que de forma incipiente, de mudanças quanto ao posicionamento social das mulheres, ou pelo menos, da tentativa de conquista dessas mudanças.

Essa busca de emancipação por parte das mulheres da época é hoje vista de forma mais facilitada por meio do estudo da História e do reconhecimento dos diversos movimentos feministas que se espalharam pelo mundo. Porém, em um Brasil de início do século XX, no qual o discurso dominante insistia em manter a subjugação feminina, enxergar essa busca pela independência e pela mudança de paradigmas em torno das mulheres era difícil, dado todo o sistema social que ratificava a dominação masculina.

Entretanto, Lima Barreto, como um autor que parecia ter uma visão pós-moderna da sociedade que o cercava, não se absteve de demonstrar na obra **Clara dos Anjos** sua percepção crítica no que tange ao servilismo e à prostração que caracterizavam as mulheres daquele período. Por meio da construção da protagonista do romance em questão, o escritor demonstra o mecanismo pelo qual a educação sustentada pelo patriarcalismo promovia a manutenção da condição de inferioridade social da figura feminina. Ao mesmo tempo, porquanto Lima Barreto se caracterizava por expressar pensamentos à frente de seu tempo – na medida em que, de certo modo, evidenciava uma crítica ao comportamento de imitação do padrão cultural que a parcela socialmente menos favorecida da população manifestava em relação à parcela estabelecida como dominante – o autor também deixava transparecer, em **Clara dos Anjos**, a concepção de que somente o acesso à informação e ao conhecimento seria capaz de libertar as mulheres da marginalização a que viviam submetidas.

Lima Barreto aborda o discurso feminino, inicialmente, demonstrando, por meio da descrição da protagonista Clara, o quão predestinadas ao ambiente doméstico estavam as mulheres, descrevendo como a personagem fora educada por Joaquim e Engrácia:

Eram casados há quase vinte anos, e esta Clara, sua filha, sendo o segundo filho do casal, orçava pelos seus dezessete anos. Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras (BARRETO, 1996, p. 19).

O autor demonstra que a educação das mulheres era direcionada ao ambiente doméstico. As mesmas eram preparadas para servirem aos maridos nos serviços do lar e no cuidado dos filhos, sendo que o contato com outras pessoas era restrito aos amigos da família. A saída de casa, no caso de Clara, só se dava com sua professora de costura. Clara dos Anjos era, assim, privada de ampliar os próprios horizontes, uma vez que os pais da personagem restringiam a vida da mesma ao ambiente doméstico.

Lima Barreto denuncia a caracterização patriarcal que havia na educação das diversas Claras existentes no Brasil, não havendo valorização do conhecimento técnico e científico, mas meramente dos afazeres do lar. Priorizava-se o matrimônio

e a subjugação da mulher em detrimento do pai, quando solteira, e do marido, quando casada. A família limitava o aprendizado das jovens aos bordados e às costuras, seguindo os modelos tradicionais da sociedade em que viviam:

A única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. Puxava a ambos os pais. [...] Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumagara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares (BARRETO, 1996, p. 36).

Afonso Henriques de Lima Barreto enfatiza o fato de a personagem Clara dos Anjos ser criada de forma a manter nela uma considerável ingenuidade e falta de maturidade, e quase não sair de casa, citando novamente este aspecto em outra passagem: “Raramente saía, a não ser para ir bem perto, à casa de Dona Margarida, aprender a bordar e a costurar, ou com esta ir ao cinema e a compras de fazendas e calçado” (BARRETO, 1996, p. 36).

A realidade do mundo foi mascarada pela educação que Clara recebera. O fato de quase não sair de casa, além de não ter garantia de proteção efetiva por parte da família (haja vista que ainda assim foi desonrada por Cassi Jones), fez com que Clara não se preparasse adequadamente para lidar com o mundo e com as pessoas que não estavam no rol de amigos da família. E Lima Barreto utiliza da personagem para denunciar a presença de inúmeras jovens que recebiam a mesma criação, em regime de enclausuramento, culminando na formação de mulheres ingênuas, não preparadas para lidar com a exploração (principalmente a sexual, enquanto mulheres) e com o preconceito racial e socioeconômico que permeava a sociedade daquele tempo, cujo discurso de dominância era imposto pela maioria fundamentalista, burguesa e elitista.

Por sinal, é válido informar que Dona Engrácia, a mãe de Clara, também era fruto do sistema branco-burguês e distintivo, pois consistia em uma expressão da inferioridade e da subjugação a que as mulheres eram submetidas naquela época. Tomando-a como instrumento, Lima Barreto denuncia que o casamento, naqueles tempos, além de aprisionar as mulheres, apagava de suas histórias qualquer instrução adicional que recebessem que não estivessem associadas aos afazeres domésticos, como o próprio Lima Barreto demonstra sobre a mãe de Clara:

Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças –, tratou de esquecer o que tinha estudado. O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuara na idade de dezoito anos.

Fosse a educação mimosa que recebera, fosse uma fatalidade de sua compleição individual, o certo é que, a não ser para os serviços domésticos, Engrácia evitava todo o esforço de qualquer natureza.

Não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano: no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar uma espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, em que se confessava. Levava sempre a filha e não a largava de a vigiar, Tinha um enorme temor que sua filha errasse, se perdesse... (BARRETO, 1996, p. 44).

Ao descrever Dona Engrácia, Lima Barreto a caracteriza como uma dona de casa, cujas atenções estavam todas voltadas às atividades domésticas e que, por essa razão, não possuía voz ativa, sendo compelida a observar as regras estabelecidas pelo marido e vista como um objeto aos olhos do chefe da família e também perante a sociedade. Assim, o autor descreve a personagem em questão como possuidora de um

[...] temperamento completamente inerte, passivo. Muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido, que, a bem dizer, era quem dirigia a casa (BARRETO, 1996, p. 43).

Tem-se nesse excerto a presença de Lima Barreto como denunciante da submissão das mulheres aos maridos, fazendo-o não apenas no que toca à figura de Dona Engrácia. O referido escritor repete esse discurso ao descrever que Ataliba do Timbó, suposto amigo de Cassi Jones começou a imitá-lo e deu-se por desonrar as moças, mas que, ao arrumar uma complicação policial, deu-se mal, visto que

Obrigaram-no a casar; mas teve a hombridade de ficar com a mulher, embora, resignadamente, ela sofresse toda a espécie de privações, no horrível subúrbio de Dona Clara, enquanto ele andava sempre muito suburbanamente elegante e tivesse vários uniformes de football (BARRETO, 1996, p. 28).

Novamente são trazidas em cena por Lima Barreto as privações que eram impingidas às mulheres, fosse como filhas ou como esposas. Além disso, o escritor ainda frisa que tal rotina era prejudicial às mulheres quando, considerando o mesmo casal referido anteriormente, discorre:

Pobre Enerstina! Era tão alegre, tão tagarela, era moça, e bonitinha, na sua fisionomia miúda e na sua tez pardo-clara, um tanto baça, é verdade, mas não a ponto de enfeá-la, quando conheceu Ataliba; e hoje? Estava escanzelada, cheia de filhos, a trair sofrimentos de toda espécie, sempre mal calçada [...]. Quem te viu e quem te vê! (BARRETO, 1996, p. 28-29).

Percebe-se a denúncia de Lima Barreto em relação à condição das mulheres naquele período histórico, no qual absorviam o discurso vigente estipulado por uma sociedade machista, de cultura estritamente patriarcal, que prezava por comportamentos de exclusão, o qual lhes era imposto desde a infância, por meio da educação que lhes era dada.

E, novamente sobre a educação dada à Clara, Lima Barreto discorre que Joaquim:

Tinha ensinado à filha os rudimentos da arte musical e a caligrafia respectiva. Não lhe ensinara um instrumento, porque só queria piano. Flauta não era próprio, para uma moça; violino era agourento, e o violão era desmoralizado e desmoralizava. Os outros que o tocassem, sem música ou com ela; sua filha, não. Só piano, mas não tinha posses para comprar um (BARRETO, 1996, p. 71).

Portanto, o autor volta a revelar a predestinação e a limitação das mulheres aos ambientes domésticos. Quando não, haveria de existir algum motivo que retirasse a mulher dessa posição passiva para, só assim, ser considerada uma **heroína doméstica**, como o fora Dona Margarida:

Costurava para fora, bordava, criava galinhas, patos e peru, e mantinha-se serenamente honesta. (...) À noite, no intuito de defender as suas galinhas dos ladrões, de quando em quando, abria um postigo, que abrira na janela da cozinha, e fazia fogo de revólver. Era respeitada pela sua coragem, pela sua bondade e pelo rigor de sua viuvez (BARRETO, 1996, p. 38).

Entretanto, Dona Margarida só se tornara essa mulher respeitada citada por Lima Barreto devido à sua viuvez. Em outra situação, provavelmente estaria no mesmo patamar de Clara, Dona Engrácia e tantas outras mulheres que viviam sob a égide do pai ou do marido, fazendo apenas o que lhes fosse ordenado.

De toda forma, é notória a abordagem enfática que Lima Barreto dá à educação e à superproteção recebida por Clara de seus pais, que acabaram por cegá-la diante dos perigos existentes na vida. Acerca de tal fato, Nascimento (2009) afirma:

Esse tipo de comportamento chama a atenção dos pais que protegem demais seus filhos, e com o passar do tempo acabam se decepcionando, pois muitas vezes, esse tipo de atitude acaba sufocando o filho e desperta a necessidade de independência cada vez mais precoce, pois o proibido é sempre mais instigante (NASCIMENTO, 2009, p. 40).

A afirmativa da autora em comentário é bastante pertinente se analisada tomando-se por base a personagem Clara, tendo em vista que a moça, mesmo sendo avisada sobre Cassi e suas más intenções com as mulheres, decidiu viver essa relação proibida, sentiu-se atraída e instigada à rebeldia, entregando-se àquela situação desconhecida tanto devido à curiosidade quanto à inocência.

Não obstante, Lima Barreto complementa que, se o pai de Clara acreditara que manter sua filha dentro de casa era favorável para protegê-la dos males do mundo, Dona Engrácia “não sabia apontar, comentar exemplos e fatos, que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria” (BARRETO, 1996, p. 45).

Dessa forma, Lima Barreto denuncia o fato de muitos pais não ajudarem suas filhas a compreenderem as relações humanas que estavam postas fora de casa, justamente devido às privações que impunham às mesmas. Sob o receio de perderem a honra de suas filhas, de deixá-las mal afamadas, acabavam por não lhes ensinar a identificar e a se livrar das armadilhas do mundo.

Foi nesse sentido que Clara tornou-se uma mulher que reunia em si muitas das características da mulher determinada por uma sociedade machista:

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. [...] Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo (BARRETO, 1996, p. 72).

Não obstante o fato de Clara dos Anjos ser mulher, Lima Barreto demonstra que o fato de ser pobre e afro-brasileira só agravava a situação da personagem, principalmente tendo em vista que não havia expectativa de ascensão por sua parte. Clara apresentava exatamente os estigmas característicos das mulheres no início do século XX:

O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. [...] Não via que, adquirida uma pequena profissão honesta e digna do seu sexo, auxiliaria seus pais e seu marido, quando casada fosse. Ela tinha bem perto o exemplo de Dona Margarida Pestana, que, enviuvando, sem ceítel, adquirira casa, fizera-se respeitada e ia criando e educando o filho, de progresso em progresso, fazendo tudo prever que chegaria à formatura ou a cousa parecida (BARRETO, 1996, p. 72).

A personagem é apresentada por Lima Barreto como a representação da ausência de voz dos excluídos, por ser mulher, por ser mulata, por ser pobre; portanto, triplamente discriminada. Mais que isso, por não almejar mudanças em sua vida que lhe retirassem daquele espectro cabal da predestinação que as pessoas de seu gênero, cor de pele e posição social possuíam.

Assim, o romance **Clara dos Anjos** foi utilizado por Lima Barreto para demonstrar o quanto o discurso predominante à época da transição da Monarquia para a Primeira República, âmbito de uma sociedade burguesa com negros recém-libertos, proliferava princípios que transcorriam por toda a sociedade, influenciando a educação das novas gerações de forma a realizar a manutenção do discurso majoritário vigente e a modelar a mulher do fim do século XIX e do início do século XX de acordo com os costumes socialmente impostos. Trata-se, exatamente, da denúncia de que o discurso patriarcal estava engendrado na sociedade, nas mais diversas esferas sociais, como meio de disciplinar os indivíduos.

A própria Clara dos Anjos é uma produção resultante desse discurso que estava enraizado em toda a sociedade, na qual a mulher era tida como quem ocupa uma posição inferior à dos homens, sendo subjugada tanto no papel de filha quanto no de esposa. Tem-se a personificação da exclusão dos discursos numa ordem abordada por Foucault, conforme exposto anteriormente, pois à mulher era imposto, pelo simples fato de ser mulher, o que se podia e não podia dizer e fazer.

Não obstante, Lima Barreto demonstrou, nas linhas do romance em análise, que havia indivíduos inseridos na sociedade que observavam essa realidade feminina de subjugação com relativo desgosto e reprovação. Como exemplo, tem-se a passagem na qual o escritor descreve o personagem Marramaque, quando este personagem afirma que

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afillhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social (BARRETO, 1996, p. 36).

Do referido trecho, infere-se que Lima Barreto está denunciando que não adiantava que as mulheres, em especial as afro-brasileiras e pobres, se rebelassem contra aquele sistema de educação e de vivência estruturado na cultura patriarcal vigente à época, pois, dessa forma, suas atitudes eram repudiadas pelos demais membros da sociedade. Devido à forma como o discurso machista encontrava-se enraizado na cultura daquele tempo, não se aceitava que mulher alguma tentasse mudar sua predestinação, adquirir ascensão moral e social.

Lima Barreto demonstra não se conformar com essa realidade vivida pelas mulheres de sua época, visão que fica evidente também na descrição da protagonista da trama, passagem na qual Lima Barreto discorre, aduzindo que:

Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante sua vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência. Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação (BARRETO, 1996, p. 72).

O autor, pois, manifesta o repúdio à aceitação das mulheres em relação a essa predestinação que lhes era imposta, no sentido de que tinham nascido para servirem ao pai e ao marido, cada um a seu tempo, sem poder de decisão, sem autonomia, sem o desejo de elevar sua moral e posicionamento social.

A partir da leitura do excerto acima, conclui-se que Lima Barreto, de forma bastante articulada, usou a ficção literária como meio para denunciar o destino predefinido que se impunha às mulheres naqueles tempos. Destino esse atrelado ao simples fato de terem nascido mulheres. A ideologia contida no romance **Clara dos Anjos**, contudo, mais do que apenas desnudar essa realidade, aparenta contrapor-se às práticas que anulavam a mulher enquanto sujeito, na medida em que revela o poder de reação e a busca por conhecimento como medidas capazes de libertar os marginalizados da opressão.

5 CONCLUSÃO

Ao realizar um estudo com o propósito de analisar o romance **Clara dos Anjos**, do escritor Lima Barreto, não se poderia escapar à realização de um levantamento da biografia do autor. O conhecimento da biografia dos autores constitui-se naturalmente como praxe nos estudos literários, visto que é sabido que a compreensão de alguns aspectos inseridos nas obras de escritores torna-se facilitada, e algumas vezes só é possível, por meio da conjugação entre ficção e biografia. Entretanto, o que se constatou, de início, neste trabalho dissertativo, é que não apenas o conhecimento sobre a biografia do escritor faz-se necessário, como também a contextualização da história, da cultura e de outros fatores sociais que se fizeram presentes no período em que viveu Afonso Henriques de Lima Barreto.

Mais especificamente pode-se dizer que, ao abordar o escritor Lima Barreto, extremamente necessária se fez a análise, ainda que breve, da opinião da crítica literária contemporânea acerca da obra do mesmo. Dessa forma, pôde-se notar que ao longo de quase um século após a morte de Lima Barreto, tem ocorrido uma desconstrução acerca da visão que por muito tempo permaneceu na crítica literária, de que Lima Barreto foi apenas um escritor que transpôs para a ficção a sua visão de mundo fundamentada em suas próprias decepções e amarguras.

Nesse sentido, pôde-se observar que a crítica literária contemporânea reconhece que há uma dívida relacionada ao autor de **Clara dos Anjos**, quanto ao reconhecimento da importância e relevância de sua obra para a Literatura Brasileira, ao passo que o mesmo tem sido reconhecido como um autor que estava à frente de seu tempo, não só produzindo com técnicas e abordagens que só seriam vistas em períodos posteriores ao de sua existência, como também, escrevendo ficções que até os dias atuais possuem relevância, devido ao fato de os temas abordados estarem ainda em voga.

Ainda que Lima Barreto tenha vivido em uma época de considerável pressão para a exclusão dos discursos minoritários, na qual os discursos de negros, pobres e mulheres não eram bem-vindos e/ou bem vistos pelos homens do poder, o escritor pautou sua produção no compromisso com a verdade de seus sentimentos e de seus pensamentos contra as injustiças a que estavam expostas as minorias com as quais convivia e das quais fazia parte; ainda que isso lhe tenha custado, em vida, o não reconhecimento literário e as duras críticas recebidas.

Neste ponto, é válido retomar o objetivo geral deste trabalho, o qual consistiu em apresentar à comunidade acadêmica e à crítica literária especializada uma leitura crítica do romance **Clara dos Anjos**, investigando a estética adotada por Lima Barreto enquanto meio para a recuperação de discursos identitários minoritários ou excluídos no âmbito da sociedade brasileira nos primeiros tempos da República.

Por meio das tentativas de dar cumprimento ao objetivo proposto, o que se deu durante o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa e de elaboração deste texto dissertativo, houve a confirmação da hipótese inicialmente formulada, qual seja, a de que há em **Clara dos Anjos** indícios de que Lima Barreto valeu-se do processo de criação das personagens para destacar a existência e promover a recuperação de discursos representativos de determinadas identidades socioculturalmente excluídas por um discurso hegemônico no âmbito da sociedade e da Literatura Brasileira canônica.

Realizando-se uma leitura crítica do romance **Clara dos Anjos**, mediante a contribuição de subsídios teóricos de autores e estudiosos de diversas áreas do conhecimento, foi possível detectar na obra sinais de que Lima Barreto a utilizou para desvelar a existência e promover a recuperação de discursos até então silenciados no âmbito da sociedade brasileira de finais de século XIX e princípio do século XX, dando voz a determinados grupos socioculturalmente excluídos no país. Desafiando a Literatura Brasileira canônica e transpondo o discurso hegemônico produzido e eternizado pelas estruturas de poder e pelas instituições sociais, Lima Barreto trouxe e traz visibilidade aos problemas, às desigualdades e aos infortúnios ainda hoje enfrentados por algumas minorias, sobretudo pelos negros, pelos pobres e pelas mulheres.

A linha investigativa adotada sugere que Lima Barreto tenha construído a história de **Clara dos Anjos** influenciado não só pela sua própria trajetória de vida, como também pela cultura e pelos fatores sociais que o circundavam, demonstrando para a sociedade da época, assim como para a contemporânea, a condição marginalizada sob a qual viviam as minorias no Brasil, especialmente aquelas destacadas anteriormente.

Nessa linha de pensamento, as adversidades suportadas pela personagem Clara dos Anjos parecem estar relacionadas com os desgostos e os obstáculos enfrentados por todos aqueles indivíduos que, mesmo na contemporaneidade,

buscam o reconhecimento de sua identidade ao longo da própria existência. A título exemplificativo, pode-se citar a alienação inicial por parte da protagonista, que passou boa parte da vida sem reconhecer a própria condição de inferioridade perante a sociedade. Ingênua, somente ao final da trama a personagem, em um choque de realidade, percebe o destino que desde sempre parecia lhe estar reservado, qual seja, um caminho marcado pela falta de oportunidades, pelo preconceito e pelo abandono. Situações essas que, embora em contextos diversos, fizeram-se presentes também em algumas passagens da vida de Lima Barreto, escritor que, quando jovem, tinha o sonho de um dia ser reconhecido e viver apenas de e para sua obra. Com o passar dos anos, porém, à medida que o tempo avançava, as realizações pareciam ficar cada vez mais distantes, tendo a vida se incumbido de mostrar para Lima Barreto que, para um negro de origem humilde, jamais haveria espaço ou oportunidades de crescimento.

Rodeado pelo preconceito e socialmente marginalizado, como fim, restou ao autor de **Clara dos Anjos** a conclusão de que, assim como a protagonista de seu romance, também ele, Lima Barreto, nunca fora nada nessa vida. Descontente e amargurado, o escritor entregou-se ao alcoolismo e à solidão. O consumo excessivo do álcool fez com que Lima Barreto padecesse com diversas doenças, até que, em 1922, vitimado por um ataque cardíaco, o escritor faleceu.

Não obstante a própria trajetória de vida de Lima Barreto, vê-se em **Clara dos Anjos** a exposição da realidade vivenciada por negros, pobres e mulheres da época em que viveu o escritor, características que, como se expôs ao longo deste trabalho dissertativo, corroboraram para a discriminação social vivenciada por diversos indivíduos no início da República Brasileira, os quais foram colocados à margem da sociedade, sobrevivendo com condições mínimas de subsistência.

O que chama a atenção quando da análise dos discursos excluídos recuperados por Lima Barreto na obra **Clara dos Anjos** é justamente o fato de que muitos dos discursos majoritários inerentes à época em que o romance foi produzido ainda se fazem presentes na sociedade contemporânea. Ainda que de forma mais velada, e talvez inconsciente, o que se vê na atualidade é uma continuação dos preceitos de que negros, pobres e mulheres são indivíduos de menor valoração social e, portanto, passíveis de discriminação. Tal constatação só reafirma a contemporaneidade da obra de Lima Barreto, confirmando a afirmativa da crítica

literária contemporânea de que Lima Barreto fora um escritor que esteve à frente de sua época.

Nesse ponto, porém, é importante reconhecer e salientar que, ao longo de quase cem anos desde a produção da versão final de **Clara dos Anjos**, muitas conquistas foram auferidas pelos indivíduos enunciadorees desses discursos considerados minoritários. Todavia, não se pode esquecer que muitos direitos e reconhecimentos devem ainda ser alcançados pela sociedade brasileira contemporânea (e pela sociedade brasileira do futuro) acerca das minorias para que, talvez um dia, possa-se alcançar a afirmação de que as experiências expostas no romance **Clara dos Anjos** não mais representam uma realidade em nosso país.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARBOSA, Francisco Assis. **A vida de Lima Barreto**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 16. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. **Clara dos Anjos** – o conto. 1920. Disponível em: <<http://contobrasileiro.com.br/?p=98>>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1995. Disponível em: <http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Recordacoes_do_escrivao_isaias_caminha.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo I** – fatos e mitos. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. A representação da mulher e o ensino de Literatura. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org.). **Representações do feminino**. Campinas: Átomo, 2003. Cap. 5, p. 93-106.

BERGER, Peter Ludwig. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Traduzido por Waldemar Boff. Petrópolis: Vozes, 1973.

BHABHA, Homi K. “Raça”, tempo e a revisão da modernidade. In: _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BOSI, Alfredo. Pré-Modernismo e Modernismo. In: _____. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. 7. reimp. São Paulo: Cultrix, 1978. Cap. 7, p. 337-426.

BRASIL. **Lei nº. 3.071, de 1º de janeiro de 1916**. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm>. Acesso em: 15 jun. 2015.

CAMACHO, Carlos Mário Paes. **Representação e conscientização na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2009.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Representações da mulher negra na literatura brasileira**. XII Seminário Nacional Mulher e Literatura, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Maria%20Consuelo%20Cunha%20Campos.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHAGAS, Conceição Corrêa das. **Negro, uma identidade em construção: dificuldades e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 1997.

COELHO, Haydée Ribeiro. Lima Barreto. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 1. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol. III. Realismo – Naturalismo – Parnasianismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1969.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante. **Enciclopédia de literatura brasileira**. v. 1. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou – (a seguir)**. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editorial UNESP, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afro-descendência. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 73-85.

_____. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, v. 17A, p. 6-18, dez. 2009.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FIGUEIREDO, Eurídice et al. Negritude, negrismo, literaturas de afro-descendentes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 313-340.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FREUD, Sigmund. **O estranho**. 1919. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/39077527/Freud-o-Estranho>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

FURTADO, Fabiana Câmara. **Perfis da belle époque brasileira**. Uma análise das figuras femininas de Lima Barreto. 2003. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2003.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. **Representações do feminino**. Campinas: Átomo, 2003.

GILENO, Carlos Henrique. Clara dos Anjos: uma reflexão sobre o *status* da mulata no Brasil do início do século XX. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jul. 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MELO, Rita de Cássia Guimarães. Lima Barreto: a criação da identidade dos remediados. **Projeto História**, São Paulo, v. 43, p. 273-309, dez. 2011.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração, 1995.

NASCIMENTO, Natália Andrade do. O homem em sociedade em Clara dos Anjos, de Lima Barreto. **Revista Científica da FASETE**, Paulo Afonso, v. 3, n. 3, p. 38-45, dez. 2009.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. Estudos de gênero – a opressão do feminino na obra Clara dos Anjos de Lima Barreto. **Scripta Alumni – Uniandrade**, Curitiba, n. 5, p. 72-88, 2011.

PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre**: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção (de 1870 a 1920). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

PIRES, Vera Lúcia. A identidade do sujeito feminino: uma leitura das desigualdades. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi (Org.). **Representações do feminino**. São Paulo: Átomo, 2003. Cap. 11, p. 201-214.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto**: literatura comentada. São Paulo: Abril Educação, 1980.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 43-72.

SANTOS, Célia Regina dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: UEM, 2005. Cap. 19, p. 337-352.

SILVA, Adriana Carvalho. A leitura urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos. **Rev. Espaço e Cultura – UERJ**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 7-16, jan./jun. 2009.

SILVA, Pedro Santos da. **Afonso Henriques de Lima Barreto e o mito da identidade nacional**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, São Paulo, 2007.

SILVA, Tulana Oliveira da. **“Claros” dos Anjos**. 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2010.

SILVEIRA, Cristiane da. Entre a História e a Literatura: a identidade nacional em Lima Barreto. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 44, p. 115-146, 2006.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Classes sociais e estratificação social. In.: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**: leitura de introdução à sociologia. São Paulo: LTC, 1994. p.